

CARTA DO
LÍBANO

TITANIC:
DRAMA E
MISTÉRIO ENTRE
OS LIBANESES
NO NAUFRÁGIO
MAIS FAMOSO
DA HISTÓRIA

**O CENTENÁRIO
DE “O PROFETA”:**

A OBRA DE GIBRAN KHALIL
GIBRAN CONTINUA RELEVANTE,
INSPIRADORA E BEST SELLER



Telefone
(12) 3663-3887



WhatsApp
(12) 3663-3577



www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinncampos.com.br

**SOLICITE SUA RESERVA DIRETAMENTE COM O HOTEL
E GARANTA TARIFAS ESPECIAIS!**



*O Castelo mais charmoso
de Campos do Jordão*

Telefone
(12) 3662-5950



WhatsApp
(12) 3663-4338



www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE
TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
GIBRAN KHALIL GIBRAN
FOTO
AGENCE FRANCE PRESSE

OS TEMPOS PEDEM REFLEXÃO

Iniciamos 2023 com uma edição dedicada à cultura e à memória, destacando na capa uma das figuras literárias mais importantes do século 20, o escritor libanês Gibran Khalil Gibran (1883-1931). Sua obra mais célebre, o poema em prosa “O Profeta”, completa um século este ano mantendo intactas tanto a popularidade - é um dos 10 livros mais vendidos da história - quanto a relevância - influenciando o pensamento de chefes de estado a artistas pop.

Woodrow Wilson, o presidente norte americano na época do autor, certa vez disse a ele: “Você foi a primeira tempestade oriental a varrer o país. E quantas flores ela trouxe!”. Já uma entrevista para TV com o general Norman Schwarzkopf - morto em 2012 - revelou um dos livros em destaque na biblioteca do líder da vitória americana na Guerra do Golfo, era exatamente “O Profeta”.

Por falar em cultura pop, certo historiador afirmou que os três assuntos sobre os quais mais se escreveu em todos os tempos, são Jesus Cristo, a Guerra Civil americana e o naufrágio do Titanic. O último é lembrado nesta edição a partir dos passageiros libaneses a bordo do malfadado navio, citados em uma cena de “Titanic”, de 1997, uma das maiores bilheterias da história do cinema.

Já a vida do empresário líbano-brasileiro Maroun Sleiman - morto em outubro do ano passado - evoca a importância do trabalho, da dedicação à família e à comunidade. Ele é lembrado pela família, amigos e colaboradores.

Um conteúdo para se refletir sobre a existência e o legado futuro.

Um bom ano a todos.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 28 • NÚMERO 192 • 01 .2023

CARTA DO LIBANO

06 | Cartas

08 | Literatura

Por que as palavras de Khalil Gibran são proféticas ainda hoje?
O livro “O Profeta”, de Gibran Khalil Gibran, a mais famosa obra de ficção espiritual do século 20, completa um século de muito sucesso

16 | O livro “O Profeta” faz 100 anos

22 | O amor na vida e na obra de Gibran Khalil Gibran

28 | Al-Rabitah Al-Qalamiyah

30 | Mansour Challita, a voz brasileira de Gibran

32 | Literatura

Um exemplar de “O Profeta”, que pertenceu a Elvis Presley, está à venda por quase US\$ 30.000 no Reino Unido

34 | História

Mais de um século depois do mais famoso naufrágio de todos os tempos, pouco se sabe sobre os libaneses que se encontravam a bordo. Uma cena de cinema, a pesquisa de uma escritora e um misterioso affair começam a resgatar o passado

40 | Tributo

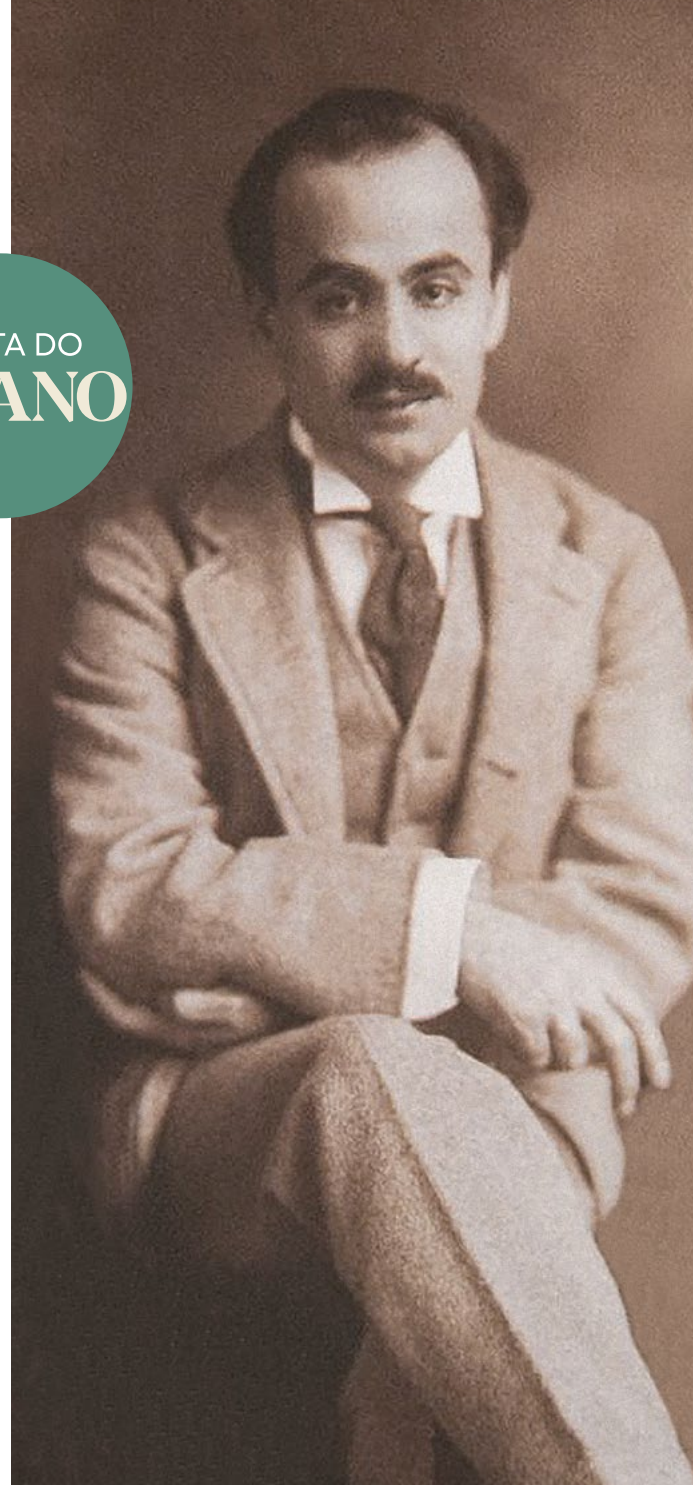
Empresário conhecido e cidadão muito querido da cidade de Sumaré, Maroun Sleiman deixa um legado de apreço pelo trabalho, amor pela família e orgulho de suas raízes

46 | Música

Wadih Sabra, autor do hino nacional do Líbano e criador do primeiro conservatório musical do país

48 | Sociedade

Uma missa solene, seguida de um brunch, marcou as comemorações da Independência do Líbano na capital do Mato Grosso do Sul



50 | Goiânia

Por sua contribuição à capital de Goiás e sua comunidade libanesa, Georges Isber Moussa foi homenageado em Sessão Especial da Câmara do município

54 | Belo Horizonte

Com a presença da embaixadora Carla Jazzar, o Clube Libanês de BH celebrou 75 anos e a Independência da República do Líbano



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS



Caro Amigo Fouad,

“*Recebo com prazer outro precioso exemplar da revista Carta do Líbano.*”

Nela revejo o ícone Ibrahim Sued, bem como um merecido tributo aos saudosos Riad Gattaz Cury e Youssef Kayed el-Jamal.

Destaco também a relevante matéria “Luz para o Futuro”, com a notável intenção do Rotary Internacional em instalar painéis solares nas escolas libanesas, sobretudo porque é na educação e na cultura que se forjam seres humanos.

Sou grato por sua dedicação e competência.

Samir Nakhle Khoury
São Paulo, SP

Fouad,

“*A edição do Ibrahim Sued ficou sensacional! Parabéns. Você é craque!*”

Roberto Duailibi
São Paulo, SP

Prezado Fouad Naime,

“*As edições da Carta do Líbano são sempre aguardadas por mim a cada mês.*”

A leitura do retrato do que representaram grandes personalidades libanesas, ou seus descendentes, é sempre inspiradora. O trabalho editorial impecável nos faz conhecer detalhes da vida de alguns personagens que até tive o prazer de contactar. Meus votos de continuado sucesso, em seu esforço para manter viva a história exemplar e o espírito libanês de ser.

Antonio Hallage
Curitiba, PR

RIAD GATTAZ CURY

Prezado editor,

“*Gostaria de agradecer a revista pela bela reportagem e homenagem a nosso querido e inesquecível esposo, pai e avô.*”

Dora Helena Malouf Cury
São Paulo, SP

Ficou muito bonita a homenagem, muito obrigada!

“*Ele era realmente um ser humano diferenciado e também um pai incrível, está fazendo muita falta, mas é vida que segue.*”

Maria Graziela Cury
São Paulo, SP



VSC ADVOCACIA

Equipe comprometida com você para a entrega das melhores soluções

Acreditamos que o mundo jurídico não precisa ser algo intimidador. Aqui você será atendido por uma equipe acolhedora e comprometida em solucionar sua demanda.

DIFERENCIAIS

ATENDIMENTO PERSONALIZADO

Conhecemos nossos clientes pelo nome e sabemos quais são suas necessidades. Acolhemos você de forma personalizada e exclusiva.

ESCRITÓRIO FULL SERVICE

Equipe multidisciplinar e atuação integrada para resolver sua demanda com excelência.

SATISFAÇÃO E CONFIANÇA

Sabia que cerca de 60% dos nossos clientes chegaram por recomendação de outros clientes? A sua satisfação é o nosso maior reconhecimento.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

- Assuntos regulatórios
- Previdenciário e Trabalhista
- Direito do Terceiro Setor
- Direito Imobiliário
- Família e Sucessões
- Direito do Consumidor
- Direito Civil
- Empresarial e Societário



Acesse nosso site e saiba mais
vscgestao.com.br

PRINCIPAIS SERVIÇOS

ASSUNTOS REGULATÓRIOS

Atuação junto à ANVISA e MAPA para habilitação de empresas e produtos sob anuência regulatória. Indústrias, Importadoras, Distribuidoras, Operadores Logísticos e Transportadoras.

DIREITO PREVIDENCIÁRIO

Procedimentos administrativos ou ações judiciais para concessão, manutenção e revisão de benefícios. Além de planejamento, pareceres e palestras sobre Direito Previdenciário.

DIREITO TRABALHISTA

Tudo relacionado ao Direito do Trabalho, como reconhecimento de vínculo, horas extras, equiparação, acúmulo de função, danos morais, acidente de trabalho, entre outros.

DIREITO DO CONSUMIDOR

Com foco em Planos de Saúde e Seguro de Saúde, como fornecimento de Medicamento de alto Custo, aprovação de cirurgias e procedimentos, aprovação de exames, entre outros.

EMPRESARIAL | SOCIETÁRIO

Elaboração de documentos societários em geral, representação dos sócios ou acionistas em disputas societárias, assessoria em operações, redação de contratos, entre outros.



(11) 2679-9770



(11) 95719-5457



contato@vscgestao.com.br

POR QUE AS PALAVRAS DE KHALIL GIBRAN SÃO PROFÉTICAS AINDA HOJE?

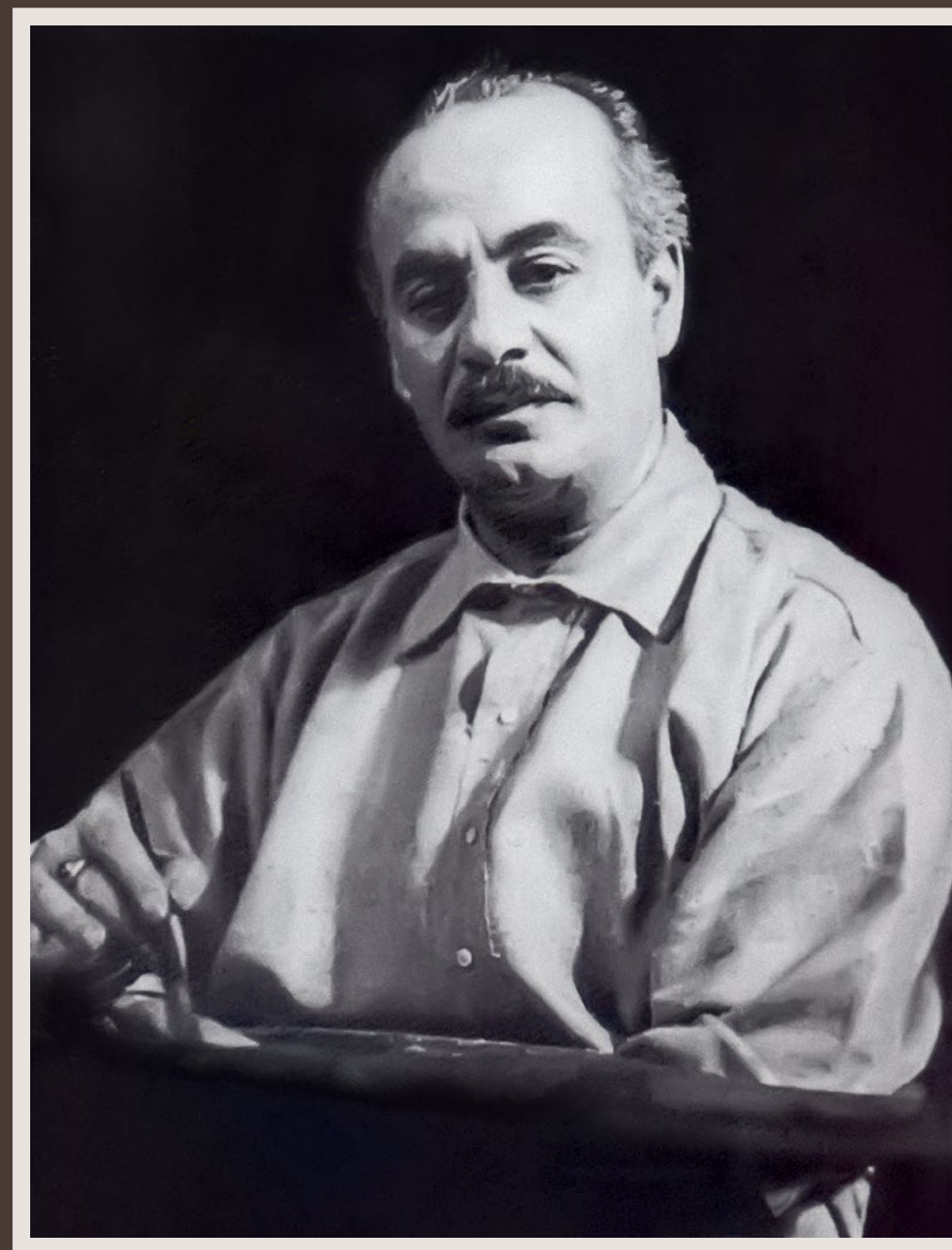
“O Profeta”, do libanês-americano Khalil Gibran, a mais famosa obra de ficção espiritual do século 20, completa um século de muito sucesso

Em 1961, durante o discurso de posse como o 35º presidente da história dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy fez uma de suas mais célebres declarações. “Não pergunte o que seu país pode fazer por você. Pergunte o que você pode fazer por seu país”, disse ele, repercutindo uma ideia que se tornou slogan de sua vitoriosa gestão. Muitos não sabem, mas Kennedy, na verdade, parafraseava Khalil Gibran, que durante a década de 1920, escreveu o mesmo se dirigindo aos parlamentares libaneses. Esse é apenas um exemplo da influência e da importância conquistadas pelo artista, poeta, filósofo e escritor

libanês e americano, um dos mais importantes autores do século passado. Com sua literatura, Gibran se mostrou uma voz à frente de seu tempo; a pena que uniu Oriente e Ocidente e fez aflorar uma nova busca pela espiritualidade. Principalmente por conta de seu principal trabalho, o livro de poesia em prosa “O Profeta”, que este ano completa o centenário de seu lançamento.

Nem o tempo nem a enxurrada de livros que se seguiram à obra de Gibran, e fizeram da espiritualidade uma das áreas mais procuradas e exploradas na literatura moderna, foram capazes de diminuir sua força. a obra foi publicada em mais de 100 idiomas e está na lista dos 10 livros mais traduzidos da história. Sua popularidade disparou

FOTOS: ARQUIVO



Gibran Khalil Gibran, um dos mais importantes autores do século passado e exemplo de artista, poeta e filósofo. Cem anos depois, continua a influenciar e inspirar leitores em todo o mundo

“Gibran foi a voz do Oriente que finalmente chegou ao Ocidente faminto por espiritualidade”

na década de 1960, quando a contracultura americana estava em ascensão, e mais tarde entre os movimentos do que se chamou Nova Era.

Formado por 26 fábulas, o livro conta a história do profeta Al Mustafa, que se prepara para retornar à terra natal depois de 12 anos no exílio. Porém, prestes a embarcar no navio, ele é parado por um grupo que lhe pede para compartilhar sua sabedoria antes de partir. Nesses ensaios, ele oferece insights profundos e atemporais sobre aspectos da vida como amor, dor, amizade, família, beleza, religião, alegria, tristeza e morte. O profeta, na verdade o próprio Gibran que reflete no texto toda sua experiência como imigrante, é uma inspiração para qualquer um que se sinta à deriva em um mundo em constante movimento.

CALDEIRÃO DE INFLUÊNCIAS

Gibran Khalil Gibran, seu nome de batismo, foi a voz do Oriente que finalmente chegou ao Ocidente faminto por espiritualidade. O percurso, no entanto, não foi dos mais fáceis. Nascido em 6 de janeiro de 1883, na aldeia de Bsharri, no Monte Líbano, Khalil era filho de Khalil Saad Gibran e Kamila Rahmeh, ambos cristãos maronitas. Enquanto seu pai era uma presença mais esporádica em sua vida, sua mãe incentivou a natureza sensível e artística do filho. Inclusive, presenteando-o com um livro com obras do italiano renascentista Michelangelo, que o estimulou a um amor permanente pelo artista e pela arte em geral.

Depois de anos de pobreza e incerteza, em 1895, Kamila imigrou com os quatro filhos para Boston, nos EUA, para viver com parentes, deixando o marido no Líbano. Ela e as crianças se

estabeleceram na região de South End, na época a segunda maior comunidade libanesa do país. Como a mãe era costureira, o adolescente foi matriculado na escola Josiah Quincy e suas habilidades criativas rapidamente chamaram a atenção de um professor que o apresentou ao artista de vanguarda Fred Holland Day. Logo, Khalil seria também matriculado na escola de arte Denison House.

O garoto não perdeu tempo e começou a ler Shakespeare, William Blake, W.B. Yeats e T. S. Eliot. De obras mais densas como “Assim Falou Zaratustra”, de Nietzsche, às composições de Wagner, ele não deixava passar nada. Principalmente a literatura e a arte árabes, incluindo as “Mil e Uma Noites” e o antigo épico “Layla e Majnun”. Gibran fundia todas essas influências de uma maneira que ninguém havia feito antes e que o faria acertar em cheio.

Mas antes que pudesse lançar seu primeiro livro em 1905 - um tratado de música árabe inspirado em Wagner - Gibran foi enviado de volta ao Líbano para estudar no Collège de la Sagesse, em Beirute. Voltou aos EUA em 1902, depois da morte da irmã caçula e a essa tragédia seguiram-se outras. Perderia ele também seu meio-irmão e a própria mãe, passando a depender de outra irmã, também costureira.

A virada aconteceu com a exibição de seus desenhos no estúdio de Day, em Boston, e a publicação do primeiro livro, escrito em árabe, auxiliado financeiramente por uma benfeitora, Mary Haskell. Do mesmo modo, ele conseguiu estudar arte em Paris, de 1908 a 1910, entrando em contato com pensadores políticos sírios e libaneses, ajudando a promover a rebelião no Império Otomano depois da Revolução dos Jovens Turcos.



Gibran fotografado por Fred Holland Day, por volta de 1898. No destaque: A primeira edição de “O Profeta”, publicada em 1923. Ao lado, a família de Gibran

“Gibran oferece uma chance para aspirarmos algo maior e melhor do que nós mesmos, uma visão maior”

Em 1911, o escritor se estabelecerá em Nova Iorque, o que seria decisivo para seu sucesso. A cidade era um caldeirão cultural e de influências, reunindo grandes pensadores, poetas, escritores e artistas. Gibran sabia que algo grande estava por vir naquela nação industrializada que estava nascendo, cercado por novas tecnologias, inovações e ideias.

Lançado em 1923, “O Profeta” esgotou a primeira impressão em um mês e catapultou o autor ao nível de celebridade. Ele alcançou enorme popularidade e viu seu trabalho em publicações literárias de Nova York ao lado de autores como Eugene O’Neill, T.S. Eliot e John Dos Passos. Na época de sua morte, aos 48 anos - por cirrose e tuberculose incipiente em um pulmão - sua fama literária se estendia pelos dois lados do Atlântico nos 20 idiomas nos quais seu livro havia sido traduzido.

PRECURSOR DA AUTOAJUDA OU VISIONÁRIO?

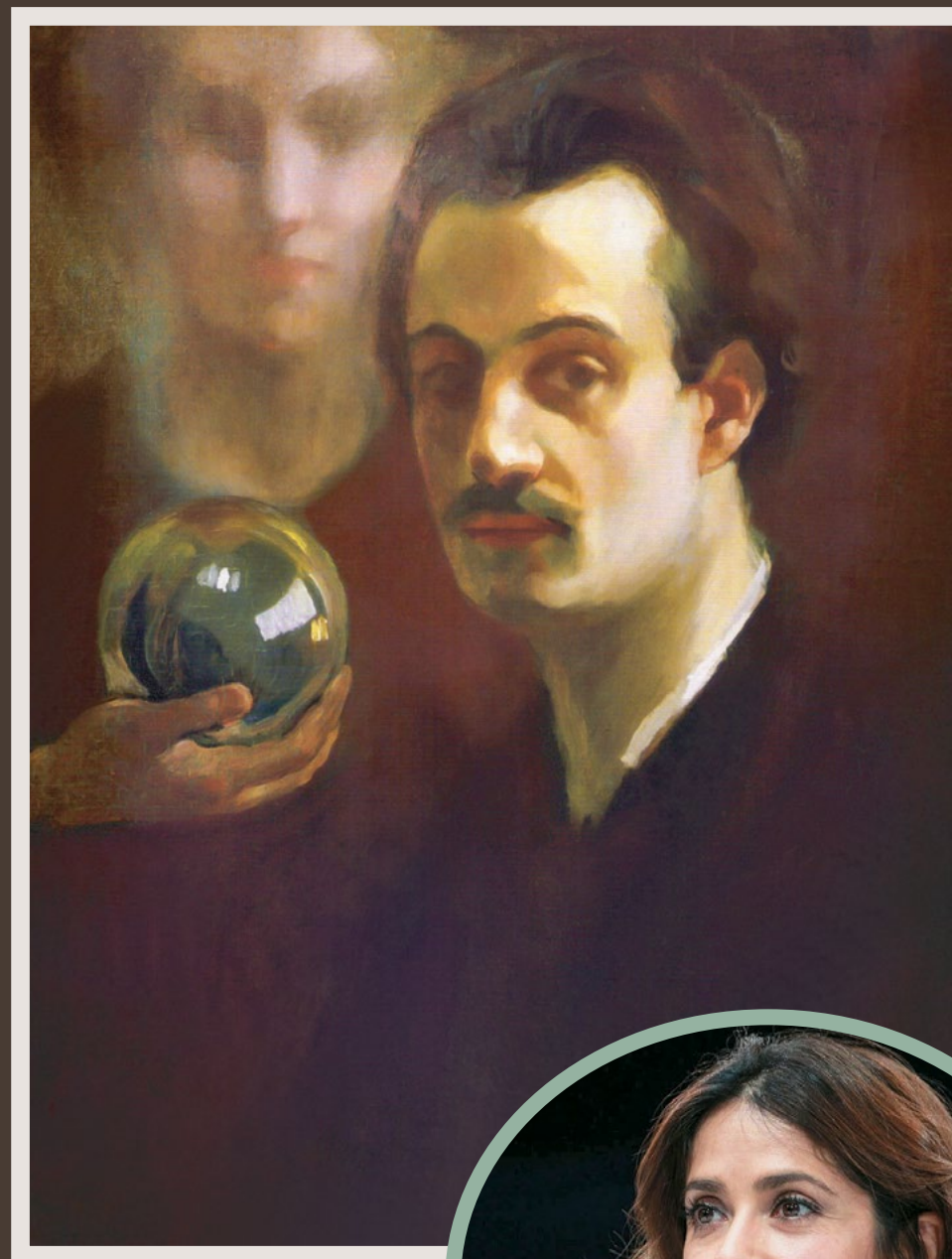
Embora seu trabalho tenha se tornado muito popular, não foi tão bem recebido pela crítica especializada, que o tratou com menos indulgência. Talvez por não possuir repertório para avaliar um escritor com fortes influências orientais, o establishment literário da época o ridicularizou, a ponto de o jornal “The New York Times” descrever Gibran como um “metafísico de doces”. Mais recentemente, o escritor foi apontado como o precursor da literatura contemporânea de autoajuda.

Não que tais análises diminuam sua importância literária, mas para seu biógrafo, o

erudito Robin Waterfield, são bastante imprecisas e descoladas da história. “Pensar nele desse modo superficial é equivocado em muitos aspectos. Gibran oferece uma chance para aspirarmos algo maior e melhor do que nós mesmos, uma visão maior. Mas deixa que nós encontremos um caminho, se houver uma maneira de tornar essa visão real em nossas vidas”, diz o autor de *Prophet: The Life and Times of Khalil Gibran*. E completa: “Ele obviamente acerta o alvo e tem um apelo para um grande número de pessoas. É inspirador, e não vejo nada de errado nisso”.

De fato, Gibran estava à frente de seu tempo. Na década de 1960, a ênfase de “O Profeta” na liberdade e no amor ajudou a torná-lo uma espécie de pedra de toque para a geração hippie, e seu sucesso contínuo o transformou em um fenômeno literário desses que surgem de tempos em tempos. Seu autor representa muitas ideias filosóficas e morais pelas quais o mundo continua lutando. Na época em que foi escrito, lá estava um imigrante do Oriente Médio que encontrou um novo lar no Ocidente e escrevia sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres, sobre harmonia e tolerância entre religiões e nacionalidades, sobre a corrupção de políticos e maus tratos às classes trabalhadoras, sobre a capacidade de construir um novo lar e encontrar pertencimento se for preciso deixar o próprio local de nascimento. Narrativas produzidas há um século e ainda pautam a mídia global hoje.

Tanto que sua popularidade e interesse só crescem, principalmente entre novas linguagens e diferentes públicos. Exemplo disso ocorreu com atriz mexicana Salma Hayek, cujo pai é



Autorretrato com musa (1911); ao lado, Salma Hayek, atriz mexicana de origem libanesa e produtora do filme de animação “Kahlil Gibran’s: The Prophet”



“ Já vendeu mais de 120 milhões de cópias em todo o mundo e influenciou a vida das pessoas ”

descendente de libaneses. Em 2014, ela produziu um filme de animação adaptando a obra, “Kahlil Gibran’s: The Prophet”.

Embora o primeiro contato de Hayek com Gibran tenha ocorrido por meio do falecido avô libanês da atriz, ela redescobriu o livro anos depois, como estudante universitária. Uma experiência contada por em entrevista à “Entertainment Weekly”: “Foi muito significativa para mim, porque senti que meu avô estava me ensinando sobre a vida, embora já estivesse morto”.

Discutindo o filme, Hayek declarou: “Acho importante que as pessoas se lembrem de que há um escritor líbano-americano que escreveu um livro que tocou tantas pessoas. Já vendeu mais de 120 milhões de cópias em todo o mundo e influenciou a vida de pessoas de todas as religiões e credos, idades, cores e origens. Acho importante estarmos expostos a materiais que nos lembrem a beleza de nossa humanidade”.

Outra adaptação igualmente importante veio na forma do musical “Asas Partidas”, baseado no romance autobiográfico de Gibran, de 1912. Escrito pelo astro britânico-libanês Nadim Naaman e pela compositora catariana Dana Al-Fardan, o espetáculo é uma carta de amor para Gibran e o Oriente Médio. “Dana e eu fomos apresentados por amigos em comum em 2016. Conversando, descobrimos que ambos queríamos escrever um musical sobre a herança do Oriente Médio que trouxesse uma luz positiva para a região. Khalil Gibran imediatamente se destacou como o nome a ser trabalhado, pois trata-se de uma figura icônica do Oriente Médio, mas que transcende fronteiras, sendo reverenciado também na Europa

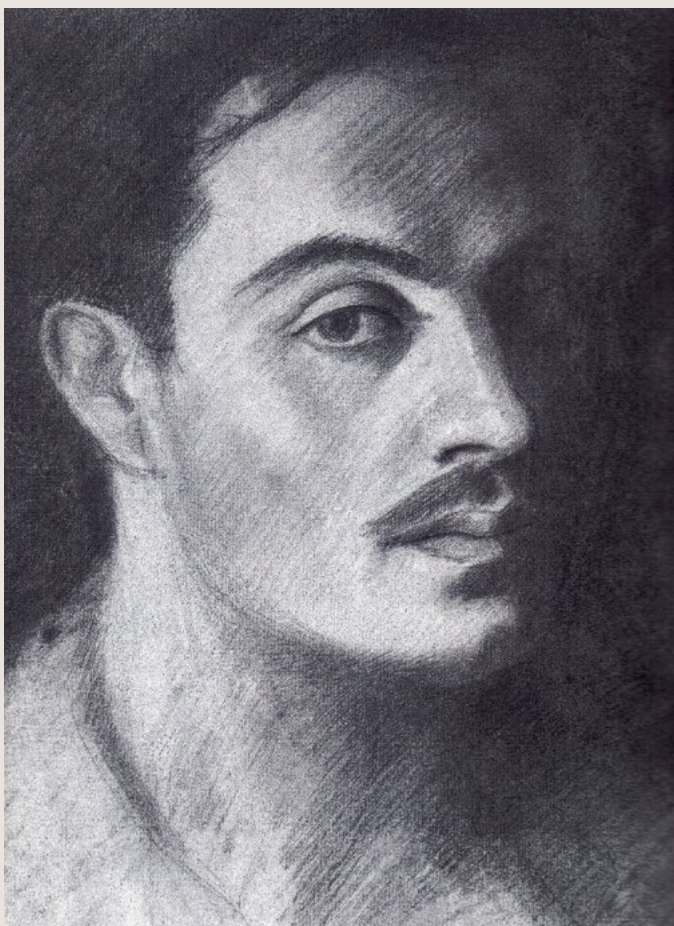
e na América. Poderíamos prestar homenagem a ele e ao Líbano, e apresentá-lo a um público mais amplo, celebrando sua contribuição ao mundo literário”, explicou Naaman.

“Gibran sempre soou fortemente para mim. Seus livros estavam espalhados pela casa de minha família quando eu era criança, suas palavras eram recitadas em casamentos, funerais e formaturas. Além disso, como um homem de herança libanesa que passou sua vida no Ocidente, identifico-me fortemente com o fato de Gibran e muitos outros libaneses terem passado a maior parte de suas vidas fora de seu país. Como ator, músico e escritor tentando representar o Líbano internacionalmente, não existe modelo melhor do que ele”, completou.

Não é exagero. Gibran Khalil Gibran se tornou um fenômeno literário no mundo inteiro. Deu nome a escolas em Rabat, no Marrocos, no Brooklyn e em Yonkers, em Nova York; há uma Cátedra Gibran para Valores e Paz na Universidade de Maryland; simpósios internacionais são realizados em nome do poeta; e sua vida foi transformada em um filme de animação de Hollywood. Seus nove livros em árabe e oito em inglês inspiraram de tudo, de letras de músicas a discursos políticos. De Indira Ghandi aos Beatles, passando pela campanha eleitoral e os discursos de John F. Kennedy. Porém, sua maior contribuição se encontra onde ele nasceu e para onde seu corpo foi trasladado depois de sua morte: a aldeia libanesa de Bsharri. Lá, funciona hoje um museu dedicado à sua obra e é para lá que foram destinados todos os royalties de sua obra literária, a fim de inspirar novas gerações de profetas. ■



No alto, o Museu de Gibran na sua terra natal, Bsharri. Acima, o presidente americano John F. Kennedy, a primeira-ministra da Índia, Indira Ghandi, e os Beatles: influenciados pelas palavras do escritor



Retrato de Gibran em 1908

O PROFETA FAZ 100 ANOS

Uma das obras mais cultuadas da literatura do século 20 chega ao seu centenário renovando o apelo original. As 26 lições de vida contidas no livro se mantêm inspiradoras, atemporais e simplesmente indispensáveis

O livro “O Profeta” é uma das obras-primas de Gibran Khalil Gibran (1883-1931) e este ano completa 100 anos de sua publicação. Ele acompanha Al Mustafa, um profeta da cidade de Orphalese, que está prestes a voltar para casa. Ele é parado por um grupo de pessoas e fala com elas sobre sua vida. São 26 poemas curtos abrangendo assuntos como liberdade e religião. “O Profeta” foi originalmente escrito em inglês e traduzido para mais de cem idiomas. Em 2014, a atriz americana-mexicana de ascendência libanesa Salma Hayek coproduziu “O Profeta de Khalil Gibran”, que se tornou um sucesso internacional. Se você ainda não leu o livro, esperamos que essas informações sejam motivo para colocar “O Profeta” em sua lista de leitura obrigatória!



Na aquarela (1920-1923), o celestial envia uma mensagem à humanidade



“O mundo divino”, aquarela de 1923

Amor

“O amor nada dá senão de si próprio e nada recebe senão de si próprio. O amor não possui, nem se deixa possuir. Pois o amor basta-se a si mesmo.”

O matrimônio

“E vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia; pois as colunas do templo erguem-se separadamente, e o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.”

Os filhos

“Vossos filhos não são seus filhos. São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.”

A dádiva

“Vós dais pouco quando dais de vossas posses. É quando dais de vós próprios que realmente dais.”

O comer e beber

“E quando mordeste uma maçã, dissei-lhe no vosso coração: ‘Tuas sementes viverão em meu corpo, e os brotos de teus amanhã florescerão em meu coração, e teu perfume será meu hálito, e juntos regozijar-nos-emos em todas as estações.’”

O trabalho

“Mas eu vos digo que, quando trabalhais, realizais parte do sonho mais longínquo da terra, desempenhando assim uma missão que vos foi designada quando esse sonho nasceu. E, apegando-vos ao trabalho, estareis na verdade amando a vida. E quem ama a vida através do trabalho, partilha do segredo mais íntimo da vida.”



Detalhe da cena familiar (óleo sobre tela, 1923)

“O amor nada dá senão de si próprio e nada recebe senão de si próprio. O amor não possui, nem se deixa possuir”

A alegria e a tristeza

“Alguns dentre vós dizeis: ‘A alegria é maior que a tristeza’, e outros dizem: ‘Não, a tristeza é maior’. Eu, porém, vos digo que elas são inseparáveis. Vêm sempre juntas; e quando uma está sentada à vossa mesa, lembrai-vos de que a outra dorme em vossa cama. Em verdade, estais suspensos como os pratos de uma balança entre vossa tristeza e vossa alegria.”

As habitações

“Vossa casa não será uma âncora, mas um mastro.”

As roupas

“Vossos trajas ocultam muito de vossa beleza, porém não escondem o que não é belo. Embora procureis nos trajas a proteção libertadora da vossa intimidade, neles podeis encontrar arreios e cadeias. Pudésseis enfrentar o sol e o vento com mais epiderme e menos roupa. Pois o sopro da vida está na luz do sol e a mão da vida está no vento.”

As compras e vendas

“Pois o espírito mestre da terra não descansará em paz sobre o vento enquanto as necessidades do mais humilde dentre vós tiverem sido satisfeitas.”



A morte da mãe, (desenho lavado, 1916)

O crime e o castigo

“Somente o ereto e o caído são um mesmo homem, vagueando no crepúsculo entre a noite de seu Eu-pigmeu e o dia de seu Eu-divino, e que a pedra angular do templo não supera a pedra mais baixa de suas fundações.”

As leis

“Podeis abafar o tambor e afrouxar as cordas da lira, mas quem poderá proibir à calhandra de cantar?”

A liberdade

“Sereis, na verdade, livres, não quando vossos dias estiverem sem preocupação e vossas noites sem necessidade e sem aflição, mas, antes quando essas coisas sobrecarregarem vossa vida e, entretanto, conseguirdes elevar-vos acima delas, desnudos e desatados.”

A razão e paixão

“Que vossa alma eleve, portanto, vossa razão à altura de vossa paixão, para que ela possa cantar, e que dirija vossa paixão a par com vossa razão, para que ela possa viver numa ressurreição cotidiana e, como a fênix, renascer das próprias cinzas.”

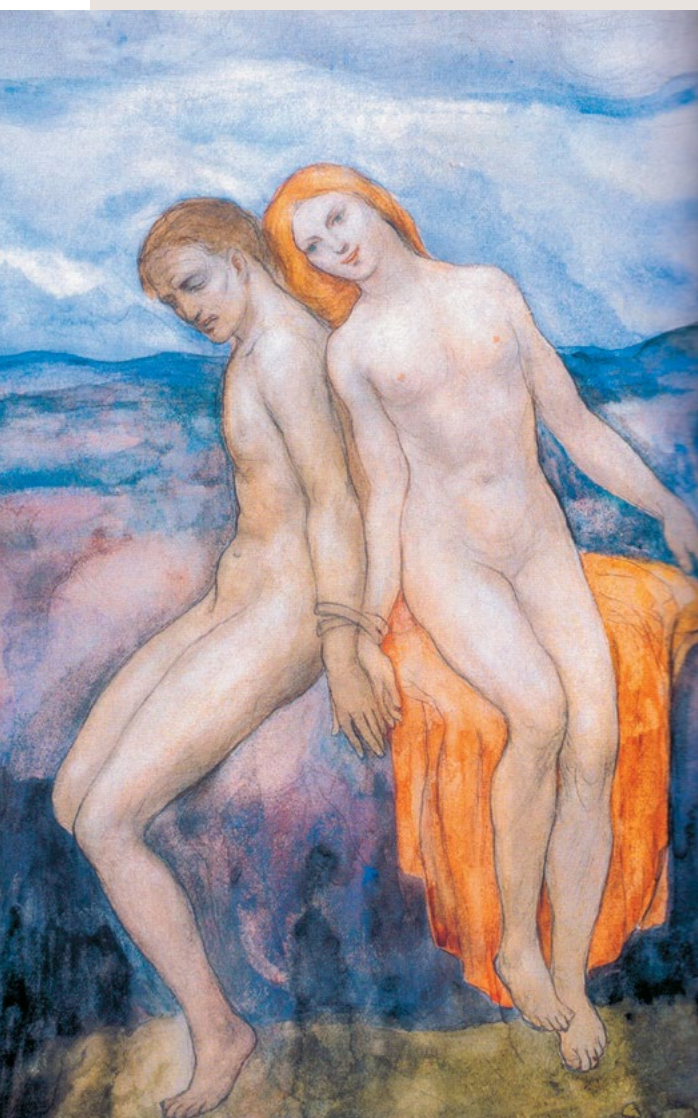
A dor

“Vossa dor é o rompimento do invólucro que encerra vossa compreensão. Assim como a semente da fruta deve quebrar-se para que o coração apareça ante o sol, deste mesmo modo deveis conhecer a dor.”

“Quando vos separais de vosso amigo, não vos aflijais. Pois o que amais nele pode tornar-se mais claro na sua ausência”

O conhecimento de si próprio

“Não digais: ‘Encontrei a verdade’. Dizei de preferência: ‘Encontrei uma verdade’. Não digais: ‘Encontrei a alma andando em meu caminho’. Porque a alma anda por todos os caminhos. A alma não marcha numa linha reta nem cresce como um caniço. A alma desabrocha, qual um lótus de inúmeras pétalas.”



Alegria e tristeza (aquarela, 1920 - 1923)

“Vós rezeis nas vossas aflições e necessidades, pudésseis rezar também na plenitude de vossa alegria e nos dias de abundância”

O ensino

“Se ele for verdadeiramente sábio, não vos convidará a entrar na mansão de seu saber, mas vos conduzirá antes ao limiar de vossa própria mente.”

A amizade

“Quando vos separais de vosso amigo, não vos aflijais. Pois o que amais nele pode tornar-se mais claro na sua ausência, como para o alpinista a montanha aparece mais clara, vista da planície.”

A conversão

“Vós conversais quando deixais de estar em paz com vossos pensamentos. E quando não podeis mais viver na solidão do vosso coração, procurais viver nos vossos lábios, e encontrais então uma diversão e um passatempo nas vibrações emitidas.”

O tempo

“Se, todavia, deveis dividir o tempo em estações, que cada estação envolva todas as outras estações, e que vosso presente abrace o passado com nostalgia e o futuro com ânsia e carinho.”

O bem e o mal

“Do bem que está em vós, poderei falar, mas não do mal. Pois que é o mal senão o próprio bem torturado por sua fome e sede. Em verdade, quando o bem sente fome, procura alimento até nos antros escuros, e quanto sente sede, desaltera-se até em águas estagnadas.”

A prece

“Vós rezeis nas vossas aflições e necessidades, pudésseis rezar também na plenitude de vossa alegria e nos dias de abundância.”

O prazer

“Mas que o prazer da flor é entregar o mel à abelha. Pois, para a abelha, uma flor é uma fonte de vida. E para a flor, uma abelha é uma mensageira de amor. E para ambas, a abelha e a flor, dar e receber o prazer é uma necessidade e uma êxtase.”

“Quereis conhecer o segredo da morte. Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?”



O Arqueiro (aquarela, 1923)

A beleza

“... a beleza é a vida quando a vida desvela o seu rosto sagrado. Mas vós sois a vida, e vós sois o véu. A beleza é a eternidade olhando para si mesma num espelho. Mas vós sois a eternidade, e vós sois o espelho.”

A religião

“E aquele para quem a adoração é uma janela a abrir, mas também a fechar, não visitou ainda o santuário de sua alma, cujas janelas permanecem abertas de aurora a aurora.”

A morte

“Quereis conhecer o segredo da morte. Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?” ■

O AMOR NA VIDA E NA OBRA DE GIBRAN

Bem-sucedido na arte, o escritor e poeta encontrou o amor, mas não o viveu em sua plenitude. Em sua breve existência, quatro mulheres o marcaram profundamente no corpo, na mente e na alma

POR MANSOUR CHALLITA*

“Quando o amor vos chamar, segui-o. Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados. E quando ele vos envolver com suas asas, cedei-lhe. Embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos. E quando ele vos falar, acreditai nele. Embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos. Como o vento devasta o jardim.”

Meio milhão de brasileiros já adquiriram “O Profeta”, de Gibran, encontrando o eco de seus próprios corações nessas palavras, geradas ao mesmo tempo pela fé num ideal e a amargura da experiência.

“Se o amor estivesse na carne, eu o queimaria com ferro em brasa e ficaria em paz. Mas está na alma, inatingível. Quantos amores humanos aumentam com o sofrimento. Se

exaltam com o desejo, crescem com a saudade - e esvanecem-se com o primeiro beijo!”.

Sabem os que se deliciam com esses pensamentos o preço que Gibran pagou por eles em sofrimentos e decepções? É difícil desejar o amor e esperar dele tanto quanto Gibran o fez, e é difícil ser mais desencantado na sua vida amorosa do que ele foi. O amor acenou-lhe no sorriso de várias mulheres, e ele o seguiu. E cada vez, era o mesmo desencontro irremediável, um rio que nunca chegava ao mar.

HALA DAHER: O AMOR ROMÂNTICO

Hala Daher era uma jovem camponesa que Gibran conheceu quando, interrompendo sua estada na América do Norte, foi passar quatro anos no Líbano (1898-1902) para estudar o árabe.

Gibran pediu sua amada em casamento. Mas suas ideias revolucionárias e anticlericais já eram conhecidas. O tio da moça era um bispo. E ele proibiu à sobrinha desposar um “inimigo da igreja”.



Gibran Khalil Gibran se apaixonou por quatro mulheres que marcaram sua vida profundamente

Gibran tentou em vão convencer sua amada a fugir com ele para os Estados Unidos.

Naquela época, era mais fácil para uma moça oriental aceitar a morte do que superar certos tabus. Os dois apaixonados encontraram-se várias vezes em segredo, no pátio de um antigo convento abandonado, choraram muito. Mas Gibran voltou só para os Estados Unidos - e vingou-se, escrevendo sobre seu drama um romance polêmico: “Asas Partidas”.

Há no romance dois temas entrelaçados: um tema sentimental e romântico, a história de um primeiro amor, com todo o transbordamento de um coração de poeta que descobre o mundo das emoções; e um tema social, a revolta de um idealista diante do comportamento de certos homens da igreja que fazem dos ensinamentos de Jesus um meio de explorar os inocentes.

“Que jovem não se lembra da primeira mulher que transformou o torpor de sua mocidade num despertar, ao mesmo tempo terrível e cheio de doçura? Para todo jovem, há uma Selma que surge na primavera de sua vida quando menos a espera e dá a seu isolamento um sentido poético e povoa sua solidão e enche suas noites de desejos.

“Como se os deuses tivessem feito de cada um

de nós a metade do outro, sentiamo-nos realizados quando reunidos e perdidos quando separados.”

A descrição que Gibran faz de sua namorada é envolta nas brumas do romantismo: “Como descrevê-la? Pode-se descrever o canto do canário, ou o suspiro da rosa, ou o lamento do arroio? Os que o amor não dotou com asas não podem voar para além das nuvens e ver aquele mundo mágico que minha alma e a alma de Selma percorreram naquela hora?”.

Mas a exaltação do coração apaixonado é velada pela melancolia de uma separação imposta, embora Gibran afirme que as decepções são um alimento para o amor: “Os corações que as tristezas unem permanecem unidos para sempre. O laço da tristeza é mais forte que o laço da alegria.”

No romance, a heroína casa-se por imposição de seu ingênuo pai com o sobrinho do bispo - aliciado pela fortuna que ela herdaria -, e morre ao dar à luz seu primeiro filho. Na vida real, o epílogo foi mais comovente. Após a volta de Gibran aos Estados Unidos, Hala permaneceu no Líbano. E mais do que Gibran, continuou presa ao seu primeiro amor.

Quando, em 1931, Gibran morreu em Nova Iorque e seu corpo foi devolvido ao Líbano para ser sepultado na sua cidade natal, uma mulher, vestida



Mary Haskell: o amor-amizade

de preto, abriu caminho no meio da multidão, depositou um beijo nos lábios frios e retirou-se. Era Hala Daher. Morreria 24 anos depois, velha, solteira e cega.

MAY ZIADE: O AMOR-SONHO

Eles nunca se encontraram. May Ziade, escritora libanesa, vivia no Cairo, onde antes da Primeira Guerra Mundial mantinha um salão literário, frequentado por escritores e gente da sociedade, à moda dos salões das grandes damas de Paris, no século 19.

Em 1912, Gibran enviou-lhe dos Estados Unidos seu romance “Asas Partidas”. E o romantismo da obra conquistou-a imediatamente. Escreveu a Gibran, felicitando-o e discordando de suas idéias sobre o casamento.

Naturalmente, Gibran respondeu, e entre a que se chamava a si mesma “estrangeira neste mundo” e o que se chamava a si mesmo “estrangeiro entre os homens” estabeleceu-se uma troca ininterrupta de cartas que refletem uma das relações amorosas mais singulares da história.

Não era somente “o conforto que duas almas forasteiras sentem quando se reúnem no éter”, como diz ela numa de suas missivas.

Não era somente um diálogo permanente entre dois escritores comentando o trabalho um do outro. As relações entre eles atingiram mesmo o estágio do amor, com suas delicadezas, seu ciúme, seus tormentos.

De May: “... Gibran! Escrevo todas essas páginas brincando para evitar a palavra amor. Que significa o que estou escrevendo? Não sei. Mas sei que tu és meu bem-amado e que receio o amor. Espero muito do amor e temo que ele não me traga tudo o que dele espero ... Contudo, sei que o pouco do amor é muito ... Como me atrevo a confessar-te essas coisas? Felizmente, escrevo-as e não as pronuncio. Pois, se estivesse presente agora pelo corpo, fugiria de vergonha.”

E ela recusava os pedidos de casamento sob o pretexto de que não queria limitar-se, pois, dizia, “escolher é sacrificar”.

Gibran também é pródigo em carinhos. Uma vez, pede-lhe o retrato; outra vez, envia-lhe uma caneta com a seguinte inscrição: “Pensa em mim quando escreveres.” Desenha-lhe o rosto com base em suas fotografias.

Escreve-lhe: “Sabes, May, que toda manhã e toda noite, vejo-me numa casa nos arredores do Cairo, e vejo-te sentada na minha frente, lendo o último de meus livros?”

Dizia a Amin Goraieb: “Sete mil milhas não passam de uma milha, e mil anos não passam de um ano nos olhos do espírito”. E escrevia no seu “Jardim do Profeta”: “O espaço que se estende entre

“Se o amor estivesse na carne, eu o queimaria com ferro em brasa e ficaria em paz. Mas está na alma, inatingível”

ti e teu vizinho com quem não te dás é sem dúvida maior do que o espaço que se estende entre ti e teu bem-amado que mora além das setes terras e dos sete mares”.

De Gibran a May: “Eu sou uma neblina, ó May, uma neblina que envolve as coisas e não se mistura com elas. Sou uma neblina, e na neblina estão minha solidão e meu afastamento, e também minha fome e minha sede. Minha desgraça é que essa neblina que sou anseia por ouvir alguém dizer-lhe: ‘Tu não estás sozinho.’ Eu também sou uma neblina. Vamos juntos, cobrir as montanhas e os vales. Vamos passear entre as árvores. Vamos envolver os rochedos elevados. Vamos entrar no coração das criaturas...”

Já percorri um longo caminho e reconheço que não soube sempre orientar-me. Esperar é a grande ruína, ó May. E eu estou sempre esperando. Espero não sei o quê.”

Em 1929, Gibran prometeu ir ao Líbano onde se encontrariam. Mas para ele, doente, já soara a hora de outra viagem, e ele levou para o além mais este sonho irrealizado. Ela morreu dez anos mais tarde, sem se ter casado. Escrevera: “A desgraça é uma realidade. A felicidade é uma quimera”.

MARY HASKELL: O AMOR-AMIZADE

Mary Haskell tinha 11 anos mais que Gibran. E não era fisicamente dotada. Seus dotes estavam na alma e na mente. A amizade nasceu entre eles quando, em 1904, em Boston, Gibran, ainda desconhecido e tímido, fazia a primeira exposição de seus desenhos no estúdio fotográfico de Fred Holland Day. Mary Haskell era diretora-proprietária de uma escola, a Cambridge School. Visitou a exposição, gostou dos quadros místicos e originais de Gibran e convidou-o a visitar sua escola.

Suas relações duraram até a morte de Gibran. Que espécie de relações? Quem lê as centenas de cartas que trocaram conclui que se amaram apaixonadamente. Na realidade, enquanto o amor de Mary Haskell estava na alma e no corpo, o de Gibran estava apenas na alma.

De Mary a Gibran: “Meu desejo, Khalil amado, é descobrir-te e unir-me a teu espírito. É por isto que estou só nestas montanhas e só em toda parte... Toda separação de ti tem sido separação da vida, e toda união contigo, união com a vida...”. “As horas, os dias, as noites estão cheios de ti. Estás

“... Gibran! Escrevo todas essas páginas brincando para evitar a palavra amor. Que significa o que estou escrevendo?”

sempre me conduzindo aonde, só, não poderia nem ir nem entrar”. “No momento em que sei que vou ver-te, comesas a ferver em mim como um enxame de abelhas, até que te sinta em mim toda. É como um rio que vai ao encontro do mar... Boa noite, boa noite, Khalil, para a criança que está em ti, e o planeta, e o amigo. Beijo teu coração, que é a força da vida.”

De Gibran a Mary: “Pudesse conseguir expressar, Mary amada, o que tuas cartas representam para mim. Criam alma na minha alma. Considero-as mensagens da vida. Sempre vêm quando mais preciso delas, trazendo aquele algo que nos faz desejar mais dias e mais noites e mais vida. Todas as vezes que meu coração está árido e temeroso, sinto a necessidade de ouvir alguém dizer-me que há um amanhã para todos os corações áridos e temerosos, e tu sempre me dizes isto, Mary.”

Tudo o que um ser humano espera e deseja encontrar numa pessoa amiga, Gibran encontrou em Mary Haskell. Ela foi seu Mecenaz: custeou-lhe os estudos artísticos em Paris e continuou a libertá-lo das preocupações monetárias até que pudesse ganhar a vida com seus livros e quadros. Incentivou-o a escrever em inglês e, durante muito tempo, revisou seus escritos. Teve nele uma fé quase religiosa, perdoando suas fraquezas, adivinhando seu Eu maior e antevendo as alturas que ele estava destinado a atingir.

E ele, sensível e inseguro, descobria, graças a esse estímulo, as dimensões de seu próprio gênio. “Quando leio tuas cartas, amada Mary, sinto-me

“ Que seria de mim sem a mulher - a mulher-mãe, a mulher-irmã, a mulher-amiga, a mulher amada? ”

como uma planta crescendo na luz, embora as leia às vezes como se fossem dirigidas a outrem. Fazem-me esquecer minhas sombras. Acreditas que, um dia, serei o homem para quem essas cartas são escritas?

Feliz do homem que tem uma Mary Haskell em sua vida!”. Dizia-lhe Gibran: “Tantos homens perecem por faltar-lhes uma mulher como tu para salvá-los”.

É só por ser a vida o que é, é que esses dois seres não se casaram e viveram felizes. Imagine-se a agonia de Gibran, encontrando a alma com que sempre sonhara num corpo 11 anos mais velho do que o seu, e que não lhe oferecia o alimento de que sua sensualidade precisava. Sabemos hoje, pelo diário de Mary Haskell, que eles nunca tiveram relações íntimas, mas que ela chegou um dia a desvestir-se na presença de Gibran - o qual procurava ocultar sua frieza e seu embaraço diante dessa nudez indesejada.

O acento mais melancólico neste drama veio com o casamento de Mary Haskell (a 7 de março de 1926 com Florance Mini, de Savannah, no Estado da Georgia). Eles nunca mais se reencontraram. Nas cartas que continuaram eventualmente a trocar, a “Amada Mary” e o “Khalil amado” cedem o lugar a “Prezada Mary” e “Prezado Khalil”.

Gibran morreu a 10 de abril de 1931. Mary morreu a 9 de outubro de 1964, após doar à cidade natal de Gibran todos os quadros que ele lhe havia legado (uma fortuna de 100 milhões de dólares). Todos os seus outros pertences, ela os distribuía também a obras de caridade - um modelo de desprendimento e nobreza até seu último suspiro.

MICHELINE: O AMOR SENSUAL

Se Hala Daher despertou o coração de Gibran, Micheline despertou-lhe o corpo. Ele era já um homem formado e vivia em Boston. Ela era uma jovem francesa que lecionava na escola de Mary Haskell.

Sabemos pouca coisa de Micheline, pois o amor entre eles permaneceu sempre escondido, cuidando Gibran de não despertar suspeitas na mente de Mary Haskell. Mas pelo desenho feito de Micheline pelo próprio Gibran (com seios e umbigo nus), podemos avaliar como era bela a professora francesa.

A amargura de Gibran foi que encontrou em Mary Haskell a companheira ideal de seu espírito (mas não de seu corpo) e em Micheline a companheira ideal de seu corpo (mas não de seu espírito). “Não posso conversar dez minutos com ela”, queixava-se. Ele era a representação viva de um desenho seu: um homem crucificado entre duas mulheres.

Nenhuma heroína na obra de Gibran representa Micheline, como Hala Daher é representada em “Asas Partidas”. Mas ela está por trás de todas as heroínas apaixonadas - e amadas - de seus livros, nos quais as emoções sensuais, sempre presentes, são ora sublimadas (como no amor de Maria Madalena ou de Salomé por Jesus), ora impetuosas a ponto de



May Ziade:
o amor-sonho

desafiar as leis humanas e divinas (como no amor de Uardi e Leila em “Almas Rebeldes”).

Como terminou esse novo drama? Conta Mikhail Naimy, amigo e biógrafo de Gibran, em seu livro “Gibran Como o Conheci”, que, quando Gibran estava em Paris estudando arte (1908-1910), Micheline apareceu uma vez, inesperadamente, no seu apartamento. A paixão de Gibran por ela renasceu de imediato. Mas ela só aceitava unir-se a ele no casamento.

Além de sua aversão natural pelo casamento, Gibran não podia casar-se com Micheline quando Mary Haskell custeava seus estudos. E Micheline sumiu para sempre, afirma Naimy, nas ondas da vida parisiense. Mais um ferimento causado pela espada do amor. Mais um sonho despedaçado.

Na vida de Gibran, houve outras mulheres, e muitas o amaram. Dizia delas: “Sou grato por todo amor e afeição. Mas elas pensam que sou melhor do que sou. Amam o poeta e o artista, e gostariam de possuir um pedaço dele. Mas eu próprio, não veem, nem conhecem, nem amam.”. Dizia também: “Que seria de mim sem a mulher - a mulher-mãe, a mulher-irmã, a mulher-amiga, a mulher amada?”.

Perguntaram-lhe por que não se casava. Respondeu: “Porque muitas vezes passo dias e semanas com o pensamento num outro planeta, completamente alheio ao que acontece neste mundo. Se tivesse uma mulher, esqueceria que ela existe. Como, neste caso, pensar em casar-me?”.

Embora de tendências místicas, Gibran reconhecia toda a sedução do prazer. Basta ler as seguintes declarações de seu “O Profeta”:

“E agora vós perguntais em vosso coração:

‘Como distinguiremos o que é bom no prazer do que é mau?’

Ide, pois, aos vossos campos e pomares e lá aprendereis que o

prazer da abelha é sugar o mel da flor.

Mas que o prazer da flor é entregar o mel à abelha.

Pois, para a abelha, uma flor é uma fonte de vida,

E para a flor, uma abelha é uma mensageira de amor.

E para ambas, a abelha e a flor, dar e receber o prazer é uma necessidade e um êxtase”.

Apesar das decepções e dos desencontros,



Gibran continuou a acreditar no amor como a fonte suprema da felicidade. Só um coração sempre amoroso podia escrever: “A morte é mais forte que a vida, mas o amor é mais forte que a morte”.

A conclusão de sua vida amorosa é talvez melhor resumida nos últimos versos de seu poema épico “Os Deuses da Terra”. Esses deuses são três. Um não suporta mais viver nem reinar. O segundo continua concentrado em sua missão divina de ajudar o homem a alcançar seu objetivo na Terra. O importante que tudo e conclui o diálogo com seus dois companheiros, dizendo:

“Passamos para o crepúsculo

Talvez para despertar para a aurora de outro mundo.

Mas o amor permanecerá

E as marcas de seus dedos não serão apagadas”.

É a mensagem final de Gibran. ■

***Mansour Challita foi um escritor, tradutor e diplomata libanês, e o principal tradutor da obra de Gibran Khalil Gibran no Brasil**

AL-RABITAH AL-QALAMIYAH (THE PEN LEAGUE)

Um dos feitos de Gibran Khalil Gibran foi ser um dos fundadores de uma associação de escritores árabes, nos Estados Unidos. Impulsionando um movimento literário que gerou grandes obras

No início dos anos 1900, a proliferação de jornais e revistas árabes publicados em Nova York refletia a diversidade da crescente comunidade de imigrantes. Essas publicações também serviram como incubadoras para obras de Gibran e seus colegas escritores, todos membros do movimento literário mahjar. O editor do jornal “Al-Funun”, Nasib Arida, e seu colega Abd al-Massih Haddad, editor do “As-Sayeh” (O Viajante), sugeriram a formação de uma associação para proteger os direitos dos escritores mahjar e promover a literatura em língua árabe.

Em maio de 1916, Ilyas Atallah se tornou o primeiro escritor a publicar sua obra “Udu fi al-Rabitah Al-Qalamiyah” (“Membro da Pen League”) em uma edição do “As-Sayeh”. Dois meses depois, outros importantes escritores emigrados, incluindo Gibran, Ameen Rihani, William Catzeflis, Nadra Haddad, Amin Mushriq, Arida e Abd al-Massih Haddad seguiram o exemplo, estabelecendo a

primeira união informal de escritores árabes imigrantes.

Eles formalizaram a união em abril de 1920 com Gibran como presidente, Mikhail Naimy como secretário e Catzeflis como tesoureiro. “A tendência de manter nossa língua e literatura dentro dos limites estreitos de repetir os escritores antigos em forma e substância é uma tendência muito perniciosa”, escreveu Naimy em seus estatutos. O desafio, acrescentou, “é tirar a literatura árabe do pântano da estagnação e da repetição e infundir nova vida em suas veias para torná-la uma força ativa na construção das nações árabes promovendo uma nova geração de escritores”.

Os membros da Pen League (Liga da Caneta) produziram algumas das obras literárias mais criativas do início do século passado. Estes, por sua vez, fizeram contribuições significativas para a Nahda maior – o “despertar” das letras e da cultura árabe. Entretanto, a organização teve vida curta e se dissolveu depois da morte de Gibran, em 1931, e do retorno de Naimy ao Líbano, no ano seguinte. ■

FOTOS: ARQUIVO

“ É tirar a literatura árabe do pântano da estagnação e da repetição e infundir nova vida em suas veias para torná-la uma força ativa na construção das nações árabes promovendo uma nova geração de escritores ”

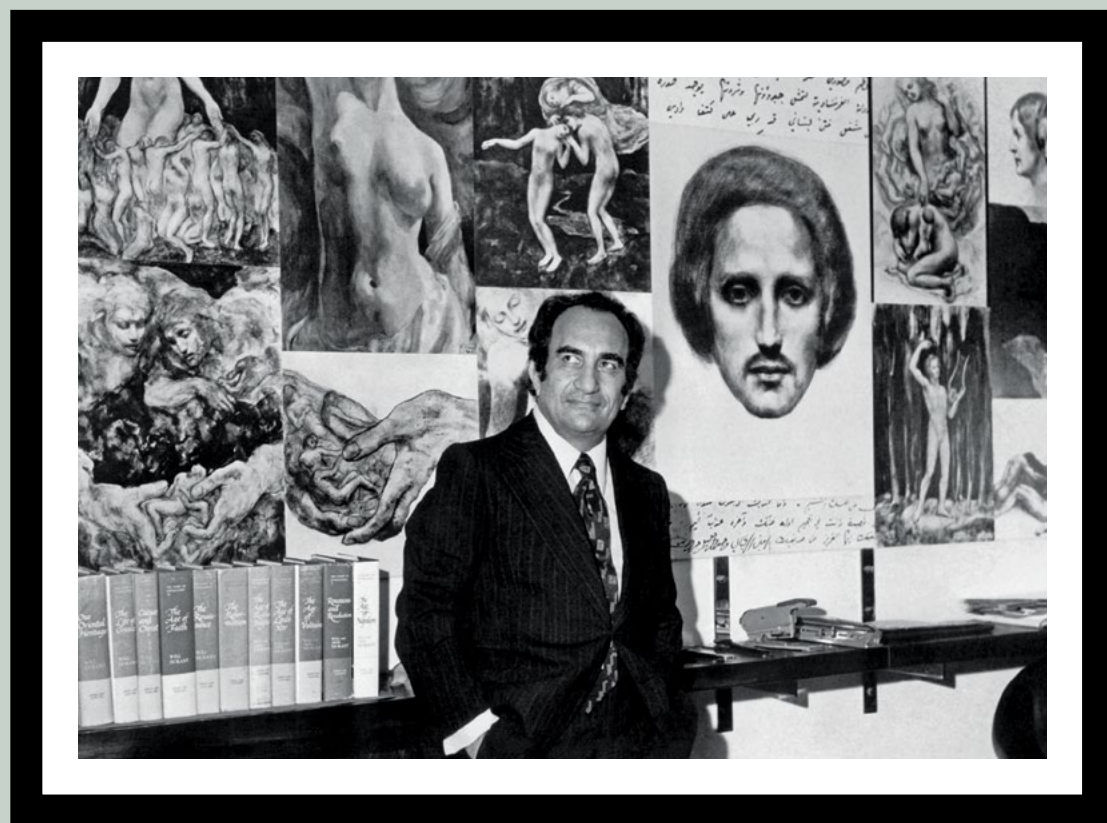
– Mikhail Naimy



Membros da Al-Rabitah Al-Qalamiyah: Nasib Arida, Gibran Khalil Gibran, Abd-al-Massih Haddad e Mikhail Naimy

A VOZ BRASILEIRA DE GIBRAN

Ao traduzir “O Profeta” no Brasil, o libanês Mansour Challita realizou um trabalho mais amplo. Reforçou a ligação do País com o mundo árabe através da poesia e da arte



No Rio de Janeiro, o diplomata e escritor Mansour Challita era a própria presença de Gibran, posando com os painéis inspirados pelos escritos do mestre libanês. Na página ao lado, a capa de “O Profeta”, na tradução de Mansour Challita, best seller no mercado editorial brasileiro

O trabalho de Challita foi muito bem-recebido pelos especialistas, em particular pelo escritor Austregésilo de Athayde - presidente da Academia Brasileira de Letras entre 1959 e 1993, que assinou o prefácio do livro

A imensa popularidade de “O Profeta” em todo o mundo se deve aos muitos tradutores que o verteram para seus idiomas de origem, divulgando a arte e o pensamento do autor Gibran Khalil Gibran. Coube ao escritor, jornalista, advogado e diplomata libanês, Mansour Challita, a tarefa de tornar a obra amplamente conhecida junto ao leitor brasileiro, a partir de 1972. Até então só havia à disposição no mercado a edição portuguesa da obra.

O trabalho de Challita foi muito bem-recebido pelos especialistas, em particular pelo escritor Austregésilo de Athayde - presidente da Academia Brasileira de Letras entre 1959 e 1993 - que assinou o prefácio do livro. Observou o acadêmico: “...sua tradução guardou fielmente todos os valores da poesia de Gibran, da pureza de seu elevado pensamento, que se tornou por si mesma uma obra de arte digna de apreço”.

Mansour Challita nasceu na Colômbia, em 1919. Cresceu no Líbano, terra de seus pais, formando-se em Letras Árabes, em Beirute; em Direito, na França; e em Jornalismo, nos Estados Unidos. Sua

ligação com o Brasil teve início no final dos anos 1950, quando trabalhou na missão diplomática editando um jornal em árabe para a colônia libanesa.

Dedicou-se a conhecer a fundo o Brasil e sua cultura e, mais tarde, atuou como embaixador. Participou ativamente no intercâmbio social, econômico e cultural entre os dois países.

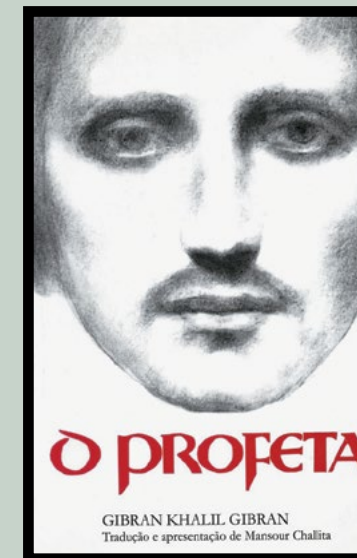
Colaborou com inúmeros artigos para as grandes publicações brasileiras de sua época, como “Correio da Manhã”, “O Globo”, “Jornal do Brasil”, “O Cruzeiro” e “Manchete”.

Depois de muitas idas e vindas entre Brasil e Líbano, estabeleceu-se definitivamente por aqui a partir de 1975, quando eclodiu a Guerra Civil libanesa.

Além da obra completa de Gibran, ele também foi responsável pela tradução brasileira do Alcorão, o livro sagrado do Islã, em 1970. Pouco antes de morrer, Challita

declarou a Carta do Líbano que cada nova edição brasileira de “O Profeta” vendia cerca de 50 mil exemplares.

Mansour Challita está sepultado no Rio de Janeiro, onde morreu em julho de 2013. ■



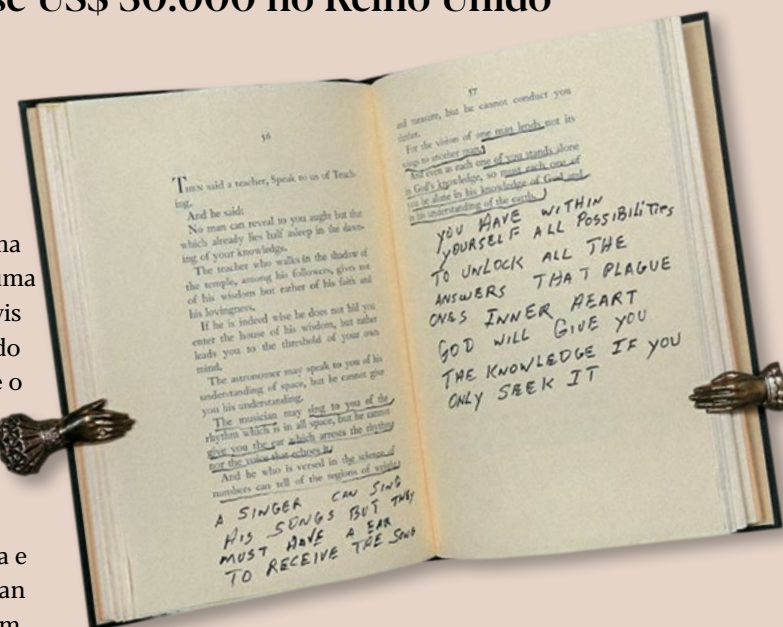
JOIA DA COROA DO REI DO ROCK

Um exemplar de “O Profeta”, que pertenceu a Elvis Presley, está à venda por quase US\$ 30.000 no Reino Unido

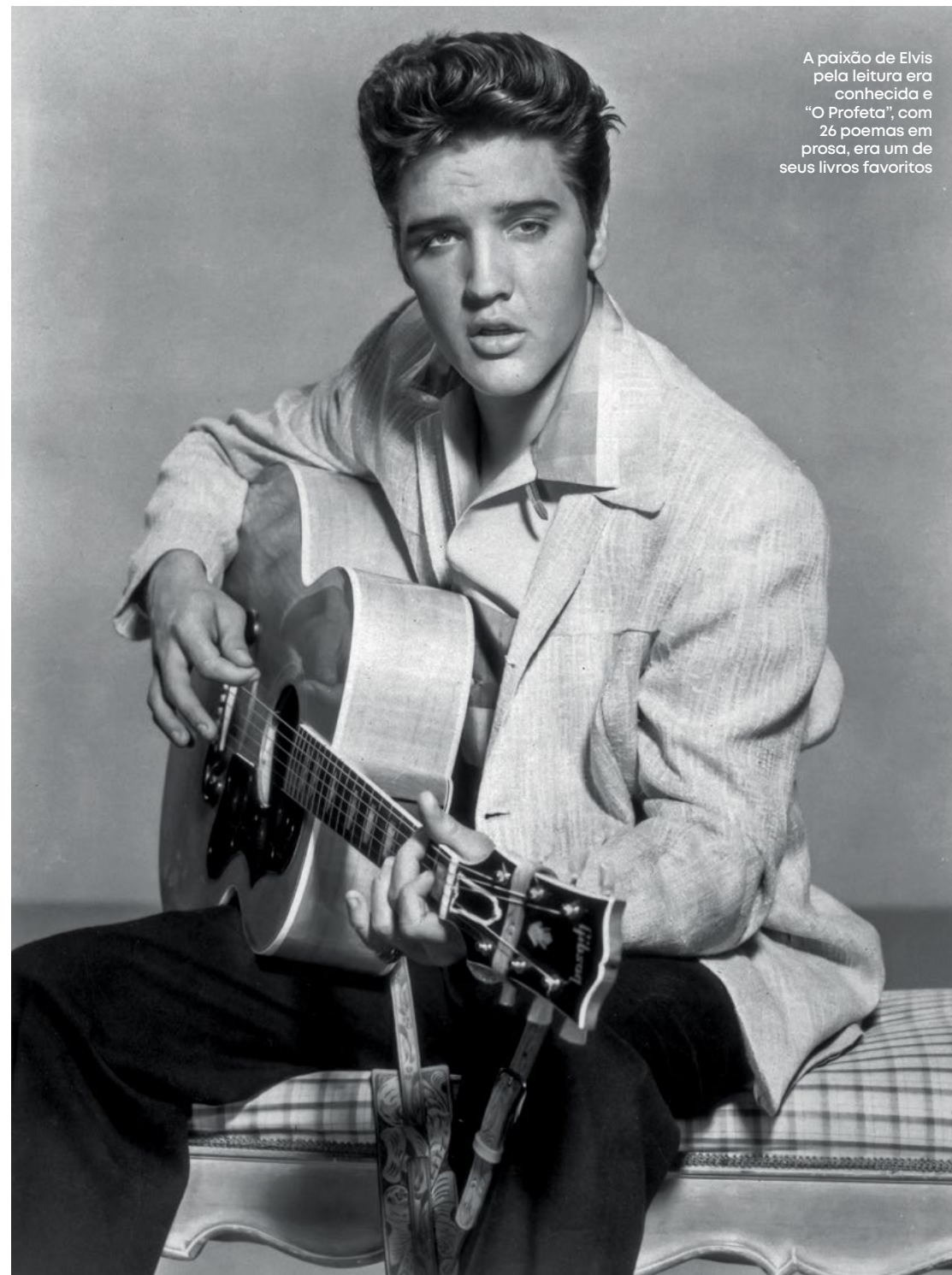
Comerciante londrino especializado em livros raros, Peter Harrington, incluiu em seu catálogo uma cópia de “O Profeta” com uma dedicatória escrita pelo Elvis Presley. O valor estabelecido é de £ 19.500 (US\$ 26.670). É a primeira vez que o exemplar é colocado à venda no país. Segundo a revista “Fine Books”, o livro foi um presente de Elvis para o amigo Ed Parker, fundador do American Kenpo Karate, em 1960.

A paixão do artista pela leitura era conhecida e “O Profeta” - do escritor líbano-americano Gibran Khalil Gibran - com 26 poemas em prosa, era um de seus livros favoritos. Tanto que ele o memorizou, como contou Parker em suas memórias, “Inside Elvis”. O “rei” frequentemente presenteava os amigos com cópias autografadas do livro.

“Um cantor pode entoar suas canções, mas deve ter [um] ouvido para receber a música. Você tem dentro de si todas as possibilidades de desvendar todas as respostas que afligem o coração [de alguém] interior [...] Deus lhe dará o conhecimento se você apenas o procurar”, diz a dedicatória de Elvis no exemplar à venda. ■



Elvis Presley frequentemente presenteava os amigos com cópias autografadas do livro “O Profeta”



A paixão de Elvis pela leitura era conhecida e “O Profeta”, com 26 poemas em prosa, era um de seus livros favoritos

HISTÓRIA

OS ESQUECIDOS DO TITANIC

Mais de um século depois do mais famoso naufrágio de todos os tempos, pouco se sabe sobre os libaneses que se encontravam a bordo. Uma cena de cinema, a pesquisa de uma escritora e um misterioso affair começam a resgatar o passado

A clássica imagem do Titanic, leiloadada pela casa Christie's, em Londres. Na página ao lado, o livro de Leila Salloum Elias e Leonardo Di Caprio e Kate Winslet, na cena emblemática do filme

Cento e dez anos se passaram desde o naufrágio do Titanic - em sua viagem inaugural, que deveria ser de Southampton, na Inglaterra, a Nova York, nos Estados Unidos - considerado o pior desastre já testemunhado pelos mares com um navio de passageiros. Na enxurrada de relatos, investigações, reportagens, livros, filmes, séries etc que se seguiu aquele fatídico 14 de abril de 1912, raramente se disse algo acerca dos passageiros libaneses que pereceram no desastre. Porém, além da lista de vítimas - que revela que todos os árabes mortos na tragédia eram de origem libanesa, exceto por um egípcio - a presença de libaneses no navio não escapou ao diretor americano James Cameron.

Em "Titanic", o filme épico de 1997 e uma das maiores bilheterias da história do cinema, há o momento em que se ouve uma mãe falando em árabe para a filha se apressar, quando a tragédia se instala a bordo. O sotaque libanês, dizendo "vem, vem", evidencia suas raízes. Enquanto isso, o marido, também com acento libanês, responde: "Espera! Deixe-me ver o que se pode fazer", em meio ao pânico nos corredores da terceira classe. Atrás deles estão os protagonistas da história, Jack e Rose (Leonardo Di Caprio e Kate Winslet), igualmente tentando escapar.

O homem libanês é visto folheando páginas de um livro, que contém uma

planta do navio, em busca de uma saída. A cena dura apenas seis segundos e é tudo que se viu e ouviu nos últimos tempos sobre a presença árabe no acidente. Apesar do mundo continuar pranteando os mortos a cada aniversário do naufrágio.

TRAGÉDIA EM ALTO MAR QUE ATINGIU O LÍBANO

O vilarejo de Kafr Mishki, no distrito de Rashaya, a sudeste de Beirute, foi um dos locais que mais sofreram com perdas no acidente. Na época, com uma população de cerca de 500 pessoas, 13 de seus habitantes afundaram nas águas geladas do Atlântico Norte, próximas ao litoral canadense. Hoje, mais de 6 mil pessoas originárias - ou descendentes - do vilarejo vivem em Ottawa, no Canadá.

Hardine é outra localidade que tinha habitantes entre os passageiros - ao todo, onze. Segundo registros, eles se juntaram em um canto e começaram a recitar versos improvisados por um deles, bem ao estilo da poesia vernacular libanesa. Clamavam: "Oh! Hardine, chore e lamente a morte de 11 de teus jovens que não passaram dos 25 anos.

Cinco deles são solteiros e os outros são casados. Nenhum deles é velho. Todos têm 25 anos".

Um rapaz de 19 anos, Daher Shadid Abi Shadid, do vilarejo de Abrine, no Líbano setentrional, havia acidentalmente matado uma garota do povoado, enquanto testava um revólver. Ele fugiu, temendo a retaliação por parte da família da jovem, porém sem saber para onde. Um tio, que vivia na Pensilvânia, o



FOTOS: REUTERS

A presença dos passageiros libaneses no navio Titanic não escapou ao diretor americano James Cameron

socorreu enviando dinheiro para que ele viajasse para os Estados Unidos. Ele seguiu para Marselha, na França, e de lá embarcou no Titanic - que ainda parou na Irlanda, recolhendo mais passageiros, antes de zarpar rumo a Nova York. O tio apenas recebeu o corpo de Shadid.

Um dos detalhes mais chocantes, descoberto durante a pesquisa sobre as vítimas árabes, foi revelado pela escritora sírio-americana Leila Salloum Elias, em seu livro “O Sonho e Depois o Pesadelo: Sírios Que Embarcaram no Titanic”, publicado em 2010. Segundo ela, que utilizou como fontes jornais árabes publicados em Nova York na época - além do relato de sobreviventes - muitos dos árabes a bordo foram mortos a tiros, por se recusarem a obedecer às ordens da brigada de segurança do navio. Uma das mulheres foi atingida quando tentava alcançar um bote salva-vidas reservado aos passageiros da primeira classe.

51 MORTOS E 30 SOBREVIVENTES

A maior parte dos passageiros libaneses eram trabalhadores e fazendeiros, como atesta o “contrato de viagem” assinado por eles com a companhia White Star, proprietária do transatlântico. E, embora classificados na lista de baixas como árabes, é difícil confirmar as nacionalidades de cada um, bem como as circunstâncias que os levaram a embarcar na viagem condenada. Mesmo através da “Enciclopédia Titanic”, a mais completa fonte sobre o naufrágio de 1912.

Um dos desafios para os pesquisadores é a maneira como os nomes árabes foram escritos, pois não correspondem à grafia original. Por exemplo, Yusuf virou José (Joseph), Boutros virou Pedro (Peter) e assim por diante. Uma das vítimas, da família Badr, da cidade Trípoli, teve o sobrenome escrito “Badt” nos jornais estrangeiros. Não fosse pelo primeiro, Mohammed, ninguém saberia que se tratava de um cidadão árabe.

Um dos sobreviventes, nascido no vilarejo Chanay - distrito de Aley, no Monte Líbano - Nassef Qassim Abi al-Muna, teve seu sobrenome divulgado como “Albimona”. De acordo com sua neta, a jornalista Nada Fayyad, ele morreu no Líbano, em 1975. Ainda segundo ela, al-Muna Fayyad era casado com uma libanesa quando embarcou no Titanic, de quem

se divorciou anos depois, ao voltar dos Estados Unidos. “No Líbano, ele se casou com outra mulher e teve seis filhas, a mais jovem é minha mãe, que atualmente vive nos EUA”, contou.

Os libaneses eram o quinto maior grupo a bordo do navio - atrás dos britânicos (327), americanos (306), irlandeses (120) e suecos (113) - formado por 81 passageiros. O mais jovem tinha 16 anos e o mais velho 45 anos - entre as crianças as idades variavam dos três meses aos 15 anos. Apenas 30 deles sobreviveram.

A extenuante tarefa de rastrear as vítimas libanesas foi inicialmente assumida pelo jornal libanês “Al-Anwar”. Em 1998, o jornal publicou uma reportagem sobre a partir da correspondência trocada entre os expatriados nos Estados Unidos e suas famílias no Líbano. Essas cartas continham vários nomes de passageiros e informações a seu respeito.

Um mês mais tarde, outra reportagem foi escrita pelo jornalista palestino-libanês, Ray Hanania, incluindo uma lista de 79 nomes - sem registrar o egípcio e um outro libanês. Os nomes foram publicados na versão inglesa, sem a grafia original. “Tive a ideia de escavar as informações sobre os passageiros árabes no Titanic depois de ver o filme e ouvir um dos passageiros falando árabe”, declarou ele à TV Al Arabiya.

Na tripulação de 899 membros, havia Mansour Meshaalani, cidadão britânico, nascido no Líbano em 1860. Ele era o responsável pelo departamento de impressão no navio, onde se produziam os cardápios e crachás usados a bordo, além da newsletter diária, que mantinha os passageiros informados sobre as atividades no navio. Ele foi um dos que não sobreviveram à tragédia.

Os libaneses eram o quinto maior grupo a bordo do navio - atrás dos britânicos, americanos, irlandeses e suecos

Bote salva-vidas resgatado pelo navio Carpathia com alguns dos naufragos do Titanic



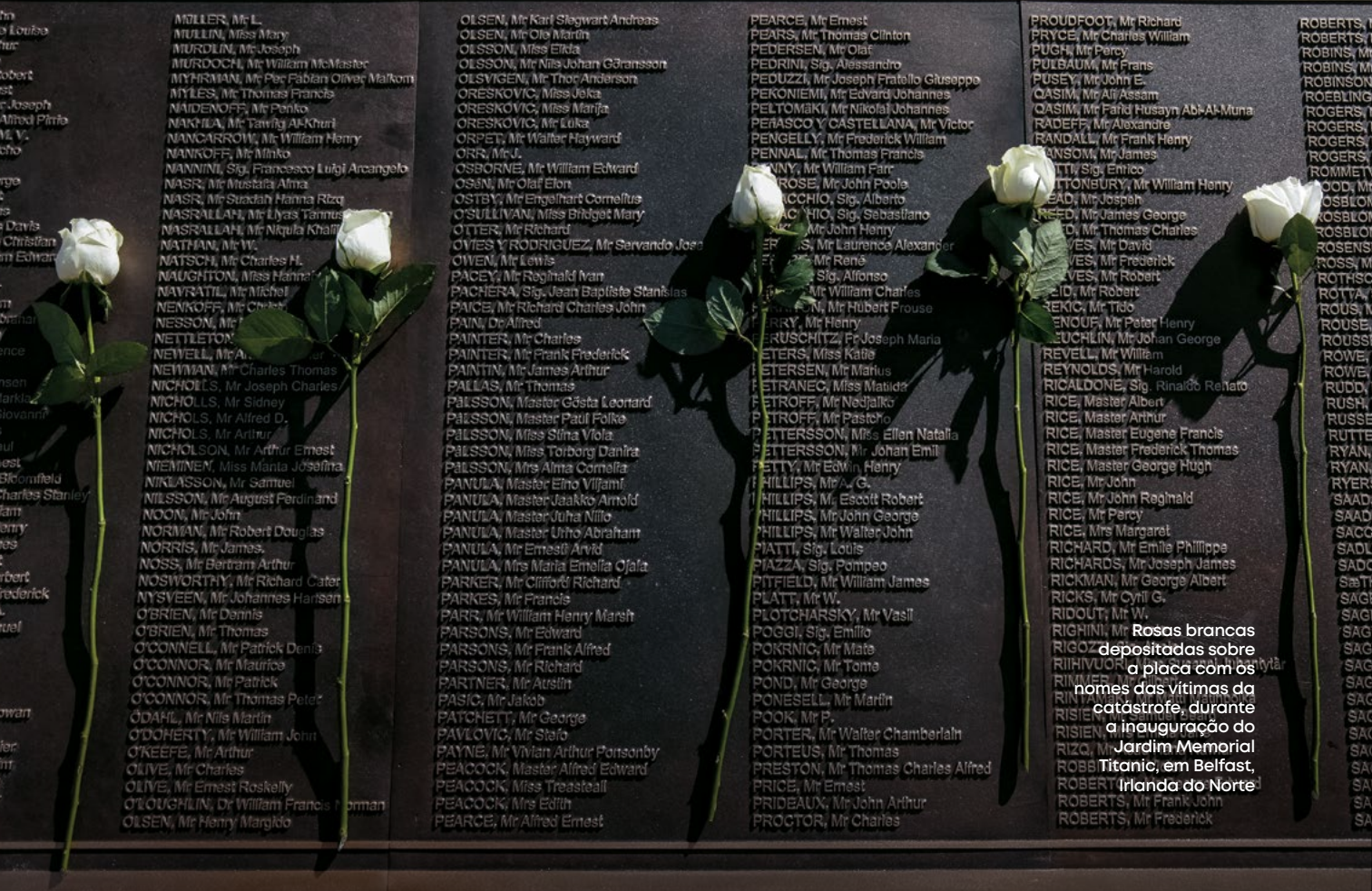
A escritora Leila Salloum, também em reportagem da Al Arabiya, contou que em suas pesquisas nos jornais árabes publicados em Nova York: “Encontrei os nomes originais árabes dos passageiros libaneses que estavam a bordo do Titanic”. Ela esclareceu que a palavra “sírios”, no subtítulo de seu livro, refere-se aos cidadãos da Grande Síria e não à Síria atual. Em 2011, a editora Atlas de Beirute e Damasco, editou uma tradução para o árabe da obra.

O ENIGMÁTICO EGÍPCIO

Hammad Hassab, de 27 anos, é o mais famoso entre os passageiros árabes do Titanic, e o único não libanês. Nascido no Egito, seu nome é o que mais aparece em buscas na Internet, basicamente porque acompanhava um dos passageiros mais ricos a bordo, o milionário norte americano Henry S. Harper, da família proprietária da editora Harper & Brothers, uma das maiores dos Estados Unidos - hoje HarperCollins, parte de um enorme conglomerado de mídia.

Harper pagou 76 libras esterlinas, 14 shillings e 7 pence pela passagem de Hassab - o equivalente a 8.000 mil dólares em câmbio de hoje - que tinha uma renda anual de 60 libras. Informações sobre o egípcio dão conta que ele estava no navio trabalhando como guia turístico e tradutor - em seu crachá lia-se “dragomano”. Anteriormente ele era funcionário da companhia britânica de viagens Thomas Hook & Sons, com filial no Hotel Shepherd, no Cairo.

Foi lá que conheceu o casal Henry Harper e esposa, em férias no Egito, durante o inverno de 1912. O milionário o contratou como tradutor pessoal e o acabou o convidando para viajar com eles quando o rapaz disse, de brincadeira, que “gostaria de conhecer o lugar de onde vinham os loucos americanos”. Hassan aceitou de imediato e a viagem para os Estados Unidos começou por Paris, onde Harper comprou um cachorro pequinês que chamou de Sun Yat-sen, nome de um revolucionário chinês famoso na mídia internacional em 1911.



Em seguida, rumaram para o porto francês de Cherbourg, onde embarcaram no Titanic, no dia 10 de abril de 1912, junto com os passageiros libaneses. Os quatro - Harper, sua esposa, Hassab e o pequinês - sobreviveram ao naufrágio, não se sabendo exatamente como os dois homens tiveram acesso a um bote salva-vidas, predominantemente reservados a mulheres e crianças.

Não existem fotos - tanto online quanto em outras fontes - de Hassab ou de Myra Harp, a esposa do milionário, apenas do próprio Henry. Mas há uma imagem de um bote salva-vidas, registrada por um membro da tripulação do Carpathia - o navio que resgatou os 706 sobreviventes do naufrágio - onde aparecem dois homens em meio a muitas mulheres. Um deles tem pele morena e está sentado ao lado de uma mulher que segura um cachorro. Segundo relatos, quando receberam o aviso para recolherem seus pertences e deixarem o navio que afundava, Harper teria esquecido sua cartola na cabine. Até quis voltar para apanhá-la, mas não houve tempo. Quando o diretor James Cameron realizou uma expedição robótica aos restos do

Titanic, em 2001, um robô entrou na cabine dos Harper e fotografou a cartola no mesmo lugar em que havia sido deixada quase 100 anos antes.

Conta-se que Hassab voltou para o Cairo e reassumi o cargo de tradutor. Em 1927 ele enviou para alguém nos Estados Unidos um cartão postal de uma viagem pelo rio Nilo. O envelope também continha cartão de visita de Hassab, mais tarde exposto no Brooklyn Museum em uma mostra da parafernália do Titanic.

Quanto ao milionário Henry S. Harper, dizem que deixou de usar cartolas aos 59 anos, depois da morte da mulher - com quem teve um filho - em 1923. Morreu em Nova York, em 1944, e nunca revelou por que motivo convidou um homem que mal conhecia para viajar com ele e a esposa do Egito para os Estados Unidos.

OS QUE AFUNDARAM COM O NAVIO

A lista de passageiros libaneses do Titanic foi resgatada na maior parte através do livro “O Sonho e Depois o Pesadelo”, Leila Salloum Elias, que hoje vive na Pensilvânia. Além dos que pereceram na noite

do naufrágio, houve os que morreram pouco depois, como Mariam Nakad, um bebê cinco meses morto em 30 de julho de 1912, e a garota Eugene Baakelini, morta em 12 de agosto do mesmo ano.

De Kafr Mishki: Catherine Barbara (Barbar), Saeida Barbara (Barbar), Karam Yusuf Karam, Assad Hanna Rizk, Maria (Mariam) Elias Wahba- Mikhail Assaf Taama, Suleiman Khalil Attalah;

De Mansour: Hanna al-Hajj, Assaf Yusuf Tamma al-Sikli, Elias Tanous Ibrahim Nasrallah, Elias Yusuf Shahine, Hanna Yusuf;

De Hardine: Zohair Badr Khalil, Matanyuos al-Hourani, Asaad Tanous, Antone Moussa Yazbak, Botrous Khalil Tanyous (Moussa), Hanna Elias Samaan (Abu Fadel al-Bayadia)- Boules Hanna Deeb, Bashir Tanous Bashir (Raad), Yusuf Grace, Samaan Assi, Botrous Samaan (Aassi);

De Tibneen: Masfi Nasr Almi, Amin Hussein Saad, Khalil Hussein Saad, Hassan Saad, Yusuf Ahmed Wazna, Rashid al-Hakk Abdul Hussein Bazzi, Tawfik Nakhle al-Khourii;

De Beirute: Constantine al-Labki, Yusuf Hani (Ibrahim), Malaka Attalah, Ibrahim Mansour Meshaalani, Prince Fares Shehab, Graceal- Labki;

De Saraal: Boules (Bakhus) Rafoul Bakhous, Catherine (Katrina) Rizk Botrous Yusuf, Soaadou Hanna Nasr Rizk, Nour al-Ain Boules, Akar Boules, Sultana Rizk Boules;

De Zagharta: Sarkis Lahoud Ishak Moaawad, Botrous Kaawi, Kaatous Botrous Kaadi, Hanna Mikhail al-Aam;

De Tahoum: Tanous Daher, Girgis Yusuf Abi Saad, Hanna Tanous Moaawad Bou Shahine, Tanous Hanna Moaawad;

De Tripoli: Mohamed Badr, Elia Deebou; De Chanay: Hussein Mahmoud Hussein Abi al-Muna, Farid Qassim Hussein (Abdul Khalek);

Outros: Nicola Khalil Nasrallah, de Zahle; Asaad Hassan Tarfa, de Bint Jbeil; Suleiman Abi Nader, de Beksine; e Daher Shadid Abi Shadeed, de Abreen.

OS SOBREVIVENTES

De Hardine: Thamine Iskander Khouri Tanous Raad, Silana Iskanfer Abi Dagher Yazbak, Amina Mubarak, Girgis Mubarak, Halim Mubarak, Mubarak Hanna Suleiman Abi Aasi.

De Tibneen: Hanna Yusuf Razi Darwish Taama, Marian Yusuf Darwish Taama, Girgis Yusuf Darwish

Taama, Fatma Mohamed Muslimani.

De Al-Shuwair: Adal Najuib Kiyama, Latifa al-Hajj Kurban al-Baakilini, Maria al-Baakilini, Eugene al-Baakilini, Helana Baakilini.

De Zagharta: Hanna (Mama) Makhlouf, Mantoura Boules (Moussa).

De Kafr Delajous: Saeid Antoine Nakad, Wadea Nakad, Mariam Nakad.

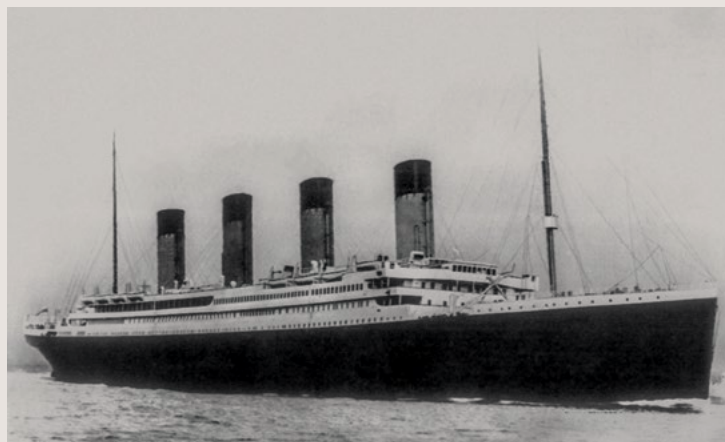
From Al-Hakour: Jamila Nicola Yard, Elias Nicola Yard.

De Al-Fakeeha: Sourou Murad, Mikhail Murad, Rahma Razouk.

De Saraal: Mary (Nabiha) Botrous Yusuf, Michael (Shafik) Botrous Yusuf.

De outras áreas: Banoura Ayoub Daher de Kafr Ebeida; Nassif Qassim Abi al-Muna de Chanay; Adale Habib Nasrallah de Zahle; Fahim Rouhani al-Zoani de Toula; Reem Assaf, Zaad Khalil Assaf Nasrallah de Kafr Mishki; Shanina Girgis Shahine Yusuf Wahba de Tahoum, Safia Halout (ou Mariam Yusuf Ibrahim).

Do Cairo: Hammad Hassab. ■



A lista de passageiros libaneses do Titanic foi resgatada na maior parte através do livro de Leila Salloum Elias

UMA VIDA PLENA

Empresário conhecido e cidadão muito querido da cidade de Sumaré, Maroun Sleiman - passou para a vida eterna no ano passado - deixa um legado de apreço pelo trabalho, amor pela família e orgulho de suas raízes

Muito conhecido e querido pela comunidade de Sumaré, no interior paulista, o empresário Maroun Sleiman teve uma trajetória bem-sucedida no ramo industrial de colchões. Sua morte, em 25 de outubro último - no Hospital Sírio Libanês, em consequência de câncer de pâncreas - foi recebida com grande pesar, sobretudo entre a colônia libanesa. Sem dúvida, será lembrado pela personalidade discreta e generosa, que conquistou a amizade de muitos e o respeito dos que com ele trabalhavam, assim como pelo povo que o conhecia devido à sua dedicação para auxiliar o próximo.

O empresário gostava de lembrar, com orgulho, da história de seu pai, Mohssen Maroun Sleiman, imigrante libanês que, a custo de muita dedicação e trabalho, construiu uma vida próspera para sua família no país que o acolheu.

Nascido em Sebhel, na região de Zgharta, norte

do Líbano. Mohssen seguiu a trajetória similar de grande parte dos imigrantes libaneses das primeiras gerações que chegaram ao Brasil, se estabelecendo primeiramente como mascate.

Inicialmente viveu em Belém do Pará, onde o navio Itália aportou, em 1953. Junto com ele estavam a mulher, Warde (Khalil Kassis), e o pequeno Maroun, primogênito do casal. O avô de sua mulher, Antonio Youssef Salhab, já se encontrava estabelecido na cidade. Ele viera em 1908, em uma viagem que tinha como destino os EUA. Hoje, os descendentes dos Salhab são cerca de mil na capital paraense.

A estada da família Sleiman em Belém se resumiu a seis meses e, na sequência, Mohssen se transferiu para São Paulo, indo morar no bairro da Mooca, tradicional reduto de imigrantes. O início modesto foi no comércio, produzindo e vendendo doce de gergelim, o Semesmyeh. Até ser convidado por Asséf Maluf para se estabelecer em Sumaré. Por lá tornou-se mascate, percorrendo as ruas de bicicleta e também vendendo o Semesmyeh. Nessa época, Mohssen adquiriu um modo peculiar de

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O saudoso Maroun Sleiman, lembrado pela personalidade discreta e generosa



A família de Mohssen e Warde Sleiman (centro) reunida: Maroun, Salma, Samira, Rimon e Leila

Suas últimas palavras, no leito do hospital, foram de agradecimento e pedindo a benção divina para os filhos

Em meados de 2008, sentindo que o mercado não atendia o padrão de qualidade que ele exigia e já tendo larga experiência no ramo, Maroun novamente inovou. Ele abriu uma pequena confecção de colchões em frente à sua loja original.

Quando a fábrica modesta passou a não comportar o tamanho da demanda, ele financiou um novo galpão, só que dessa vez na zona industrial. Em 2011, fundou a primeira indústria de colchoaria na cidade de Hortolândia, montando uma linha de produção de camas box e colchões, podendo assim atender todo o estado de São Paulo.

A fim de promover melhorias constantes e aumentar a autonomia da empresa, Maroun investiu em tecnologia de ponta. Adquiriu maquinário para espumação e importou itens químicos para a manufatura. Em 2021, visando uma expansão maior, importou uma máquina de produção de molas, conquistando a fabricação de um artigo quase 100% original. Passou a comercializar não só o produto final, mas também os insumos essenciais, como molas, espumas e tecidos.

Empreendedor extremamente dedicado e disciplinado, ele sabia de cabeça o valor de seu lucro, as quantias em seu estoque, e conhecia todos os clientes pelo nome, tratando-os com cordialidade e amizade. A equipe de funcionários também atestava o profissionalismo e o caráter do empregador. Mesmo nos momentos mais difíceis, Maroun mantinha a postura otimista, jamais perdia o bom humor e transformava as dificuldades em proveitoso aprendizado.

Com o surgimento da internet, ele aproveitou para atualizar a experiência na área de vendas contratando profissionais de e-commerce. Ao mesmo tempo aprendia com eles e os ensinava as regras de negócio que havia consolidado, obtendo os melhores resultados. Muitos dos que trabalharam com Maroun o definem como um formidável professor.

Sua trajetória bem-sucedida atesta a qualidade do homem de grande visão, resoluto, inteligente, extremamente decidido e competente. Porém, não podemos resumi-lo apenas pela destreza profissional. Maroun Sleiman era muito mais. Dono de uma fé inabalável, seu maior orgulho na vida foi construir uma família. Educou os filhos nos princípios de empatia e honestidade, em alicerces sólidos, ou seja, com exemplos edificantes na figura do pai e da mãe. E agradecendo sempre.

Tinha prazer em receber os muitos amigos e gostava da casa cheia, com animadas reuniões. Como bom libanês, era acolhedor e brindava os convidados com o melhor da cozinha libanesa, sempre elogiada, preparada por sua esposa, Nouhad - com quem era casado desde 1978.

Sobretudo, Maroun era grato a Deus pela família e suas últimas palavras, no leito do hospital, foram de agradecimento e pedindo a benção divina para os filhos (Rosinha, Geber, Mohssen e Nouhad) e as netas (Samea, Natalie e Maria Pietra).

Se pudéssemos eleger sua maior virtude, diríamos que era a generosidade. Estava sempre pronto a auxiliar o próximo, sem alarde de suas boas ações e sem esquecer ninguém.

“Quando eu trabalhava ao seu lado na loja e na fábrica, lembro que ele consultava alguém da área sobre uma nova ideia no setor de empreendedorismo. Às vezes diziam que seria melhor aguardar um outro momento ou que, talvez, aquilo não pudesse dar muito certo. Porém, meu pai apenas ouvia o lado bom da conversa, somente o positivo. Eu ficava admirada como o lado negativo das coisas nunca o influenciavam. No fim, ele fazia exatamente aquilo que tinha em mente e não se deixava levar pela opinião dos outros. Isso me mostrava um homem confiante e determinado. Afinal, em sua vida foram muitos mais acertos do que erros”, recorda hoje, emocionada, sua filha Rosinha. ■

anotar o endereço dos clientes em um caderno. Escrevia, em árabe: “Perto da casa da moça bonita, próximo da casa da mulher feia...”.

Logo comprou uma charrete e passou também a comercializar roupas. A charrete foi substituída por uma Kombi e quando os negócios começaram a prosperar, adquiriu um ponto em Sumaré. Abriu a loja Oriente, de móveis, a maior do segmento na cidade, na época.

No ano de 1990, Maroun deixou a atividade de mascate de enxovais para seguir um novo empreendimento, a criação de uma loja própria. Por mais de vinte anos, ele havia trabalhado debaixo de sol e chuva, percorrendo o Circuito das Águas e conquistando não apenas clientes, mas muitos amigos. Sempre visionário, eleger o varejo de colchões como novo setor de negócios, e abriu seu

comércio em Sumaré. Tornou-se o pioneiro do ramo na cidade.

A ideia para o novo negócio surgiu quando Maroun acompanhou o padre Charbel, religioso vindo do Líbano para auxiliar na Igreja Maronita de Campinas, em um passeio pela cidade. A princípio o intuito era apenas adquirir o produto para a fábrica de um grande amigo seu, na beira da rodovia Anhanguera, adquiriu novos ares e tornou-se a inspiração para um investimento ainda maior.

Com a loja aberta, Maroun contou com o apoio incondicional de sua mulher, Nouhad, por toda a vida foi seu braço direito. À medida que os filhos cresciam, também colaboraram no trabalho. Maroun construiu espaços comerciais em diversas cidades, abrindo lojas para que cada filho pudesse aprender a administrar o próprio negócio.

O início modesto da família foi no comércio, produzindo e vendendo doce de gergelim, o Semesmyeh

IN MEMORIAN

Maroun Mohssen Sleiman nas palavras de quem conviveu com ele em família e no trabalho



No casamento de Geber e Jessica: Nouhad e Maroun, Elie e Rosinha Lahoud com Nathalie no colo, Nouhad, Mohssen com a mulher, Bruna Gabriela e a filha Samea

“Maroun, meu pai.

Um homem trabalhador, sincero, honesto. Sempre rindo, quase nunca usava termos de negativismo, seu pensamento era sempre positivo; gostava de elogiar, gostava de brincar quando conversava com as pessoas. Era um homem de muita fé em Deus e em Nossa Senhora.

A família era tudo para ele e vinha em primeiro lugar. Dedicou-se à nós até seus últimos dias. Foi um esposo exemplar, um pai dedicado. Gostava da família unida e de conversar com os filhos. Todas as noites, em volta da mesa, falava sobre o trabalho e nos dava conselhos. Admirava as famílias de homens guerreiros e trabalhadores como ele.

Hoje meu coração está mais leve por ter escolhido lhe fazer companhia no trabalho na loja e, depois,

na fábrica. Procurei aliviar um pouco do fardo que ele carregava e me sinto grata por ter conseguido, a meu jeito, me dedicar a ele. Cada um de nós fez isso. Agradeço a Deus por ter me concedido essa graça. Em seus últimos momentos, meu pai pediu água benta de Aparecida do Norte, tomou um pouco e disse que era a melhor água que bebeu na vida. Pai, que Deus o receba de braços abertos, que os anjos o acompanhem pelo Paraíso e possam levar até você toda gratidão e todo amor que sinto. Obrigada por ter sido meu pai. Peço a Deus por amor e paz em nosso coração, e pelo bálsamo da certeza de que logo virão dias mais gentis e alegres, em que a memória trará mais sorrisos do que lágrimas. Amém.”

Rosinha Sleiman Lahoud, empresária



Reunião de família no casamento de Rosinha e Elie Lahoud (centro): Nouhad com os pais, Mohssen, Bruna Gabriela e Samea, e Geber

“Conheci o sr. Maroun faz um bom tempo.

Ele era alegre, comunicativo e muito bem educado. Tratava a todos com urbanidade sem fazer distinção entre ninguém. Nunca o vi triste, estava sempre sorrindo. Vou lembrar dele assim.”

Joel Roque Marinheiro, advogado

“Era um homem muito inteligente,

sempre disposto a ajudar. Foi uma pessoa incrível e costumava ser divertido e bem humorado com todos nós.”

Elisangela da Conceição, funcionária

“Além do respeito por aqueles com quem trabalhava,

lembro de seu amor pelos animais. Como amava e tratava bem os seus cães.”

José Rogério, funcionário

“Só o tempo para nos ajudar a conviver

com a ausência do sr. Maroun. Sinto uma grande saudade do bom patrão e amigo.”

Silvio, mecânico e químico

“Uma inspiração,

um ser humano que foi muito bom para mim. Sinto muito orgulho de ter feito parte de sua empresa. Só gratidão!”

João Severino, ex-funcionário

“Tio’ Maroun

deixou uma lacuna no coração e na memória de todos que tiveram o privilégio de conviver com ele. Homem íntegro com qualidades únicas e raras atualmente. Humilde, grato à vida e dono de um coração gigante. Entre todas as suas qualidades, a que mais me chamava a atenção era o quão simples e atencioso ele era. Sabia ouvir e entendia como estávamos realmente. Ele vibrava de verdade com as conquistas daqueles com quem convivia.”

Samia Youssef Afiune Abboud, patrcia e amiga

“Maroun... amigo, esposo, pai, avô, trabalhador, empresário.

Como é bom ter fé, empenho e amor e ter sido plenamente um protagonista. Estou certo que assim continua na jornada. Com a lembrança alegre dos bons momentos, seguiremos o seu exemplo.”

Alexandre Cecilio, amigo e proprietário das Faculdades Net Work

MÚSICO

RESGATE MUSICAL

Autor do hino nacional do Líbano e criador do primeiro conservatório musical do país, Wadih Sabra estava praticamente esquecido na cultura nacional.

Um concerto em Beirute e o trabalho de um barítono buscam devolver o seu lugar de direito



Wadih Sabra: pioneirismo ao utilizar influências musicais orientais em suas composições clássicas

Wadih Sabra abriu em 1910 o primeiro conservatório musical do Líbano, em atividade até hoje

O concerto que aconteceu em Beirute, em 28 de outubro de 2022, teve um caráter maior do que apenas um espetáculo musical. O evento faz parte de um processo de resgate da vida e da obra do compositor libanês Wadih Sabra (1876-1952), autor do hino nacional do país, criou seu primeiro conservatório musical e compôs a primeira ópera em língua nativa, entre outros trabalhos.

Por direito, Sabra deveria ser conhecido em sua terra natal. No entanto, ao longo dos anos, foi esquecido. Agora, o barítono Fady Jeanbart tenta reavivar sua memória, contratado para pesquisar o arquivo do compositor - doado pela família de Sabra para o Centro do Patrimônio Musical Libanês, em 2016.

“Tudo foi esquecido e perdido porque a família escondia os arquivos por dois motivos”, declarou Jeanbart ao jornal “Arab News”. “Primeiro, por conta de rixas familiares e depois, quando Sabra faleceu, sua mulher requereu uma pensão ao governo libanês, já que o músico era o fundador e diretor do mais antigo do Conservatório Nacional, porém morreu sem um tostão. Ela não conseguiu e, de tão frustrada, escondeu toda a obra do marido.

Em 1892, aos 16 anos, Sabra ganhou uma bolsa para estudar no Conservatório de Paris, tornando-se o primeiro aluno libanês na renomada instituição, onde estudaram nomes como Claude Debussy e Georges Bizet.

Músico clássico, ele se destacou ao acrescentar toques de música oriental em suas composições. Em 1910, abriu o primeiro conservatório musical do Líbano, em atividade até hoje. A década seguinte revelou-se muito produtiva, quando ele não apenas compôs a letra do hino libanês, em 1927, como também escreveu uma ópera árabe, “Os Dois Reis”, no mesmo ano. Nos anos 1930, Sabra compôs principalmente operetas francesas.

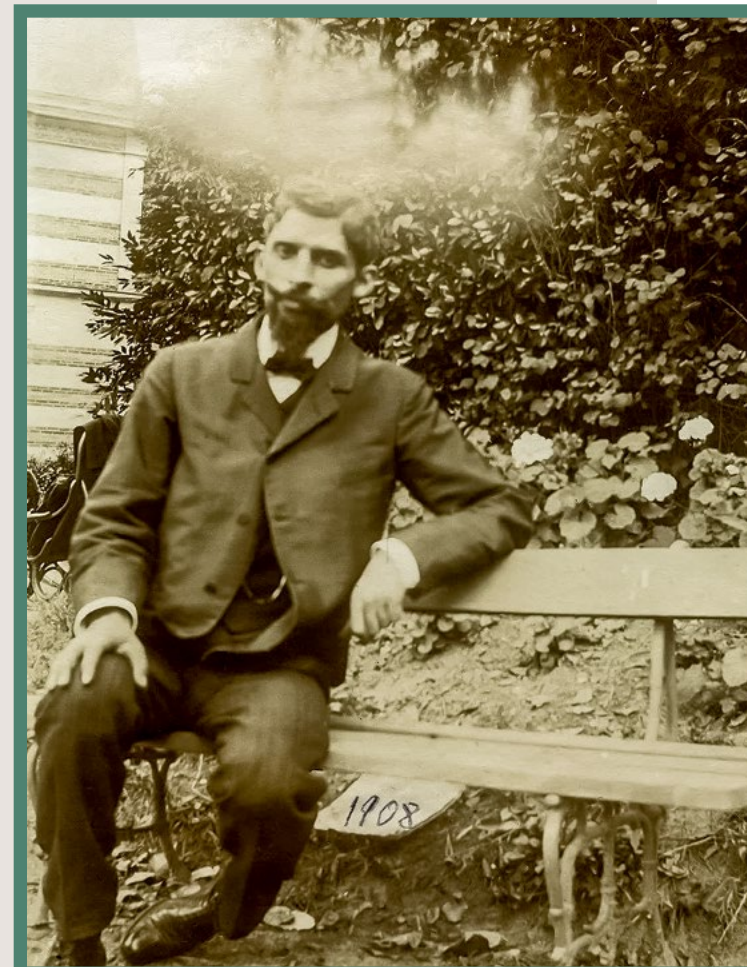
Tudo isso no momento em que o Líbano saía do controle do império otomano - encerrado em 1918. Através de sua música, Sabra contribuiu para a construção da identidade da jovem nação. “Quando ele nasceu, em 1876, não existia o Líbano”, informa Jeanbart. “Então, ele é realmente um símbolo do nascimento do país”.

Além do barítono Jeanbart, o concerto em Beirute contou com a participação da soprano Lara Joukhadar e da mezzo-soprano Natasha Nassar, entre outros. Foram apresentadas três óperas e o hino nacional na versão original.

Segundo Jeanbart: “O objetivo foi novamente lançar uma luz sobre o nosso passado. É importante lembrá-lo para seguir em frente”. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Wadih Sabra em Paris, 1908, quando estudou na mesma escola que formou Bizet e Debussy



Wadih não apenas compôs a letra do hino libanês, em 1927, como também escreveu uma ópera árabe, “Os Dois Reis”, no mesmo ano

CAMPO GRANDE



Eid Anbar, cônsul honorário do Líbano em Campo Grande, com a mulher, Luciene Anbar

PRECES DE PAZ E ESPERANÇA PELA nação libanesa

Uma missa solene, seguida de um brunch, marcou as comemorações da Independência do Líbano na capital do Mato Grosso do Sul



Amira Matta, Aidé Melke, Rosa Nakoud, Marlene Hage, Marie Rose Sleiman, Munira Charrou, Claudé Namoura, Laila Karmouche, Lara Sleiman, Luciene Anbar e Anastacia Khouri



Acima, a confraternização. Ao lado, Gilberto Hayek, Eloize Ferzeli, Marie Rose Sleiman, Lara Sleiman, Eid Anbar, Luciene Anbar, Anastacia Khouri e Laila Karmouche



A comunidade libanesa de Campo Grande, com seus descendentes e amigos, se reuniu durante a missa solene realizada em prol da Terra dos Cedros, no último dia 20 de novembro, data em que se comemorou os 79 anos da independência do país. A cerimônia aconteceu na igreja Sirian Ortodoxa, em uma iniciativa de Eid Toufic Anbar, cônsul honorário do Líbano na cidade, da Associação Cultural Monte Líbano e da Federação Nacional das Entidades Líbano Brasileiras. As preces foram dirigidas aos pedidos de paz, consolo

e, acima de tudo, esperança de dias melhores para a nação e o povo libaneses.

Em seu discurso, o cônsul Anbar disse que “o nosso povo libanês tem muito a comemorar, apesar das dificuldades atuais, pela beleza de sua terra, pela hospitalidade da nação, pela culinária única e pela cultura milenar. Por muito tempo o Líbano serviu como centro comercial e cultural para o Oriente Médio. Parabenizamos as coletividades libanesas no Brasil e em Campo Grande”.

Após a missa, o cônsul honorário recebeu para um brunch preparado com muito esmero por sua mulher, Luciene. Os votos de paz e prosperidade foram reforçados por todos os presentes. ■

GOIÂNIA



O vereador Isaias Ribeiro entrega o título de Cidadão Goianiense a Georges Isber Moussa



O empresário Georges Isber Moussa agradece a homenagem



Georges Isber Moussa com a mulher, Zeina



O empresário Sassine Chahoud

RECONHECIMENTO A UM CIDADÃO LIBANÊS-BRASILEIRO

Por sua contribuição à capital de Goiás e sua comunidade libanesa, Georges Isber Moussa foi homenageado em Sessão Especial da Câmara do município

O título de Cidadão Goianiense foi entregue a Georges Isber Moussa, na quinta-feira, 15 de dezembro, na Câmara Municipal de Goiânia. A Sessão Especial foi proposta e presidida pelo vereador Isaias Ribeiro (Republicanos).

“George e sua família tem contribuído com o crescimento de Goiânia, executando grandes projetos e gerando empregos. O Clube Monte Libano, local para congregar a comunidade libanesa, é um exemplo claro disso”, afirmou o vereador no discurso de saudação ao homenageado.

FOTOS: GUSTAVO MORAES MENDES



Michel Magul, secretário de governo de Goiás, e Michel Magul



Membros da comunidade com Georges Isber Moussa

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

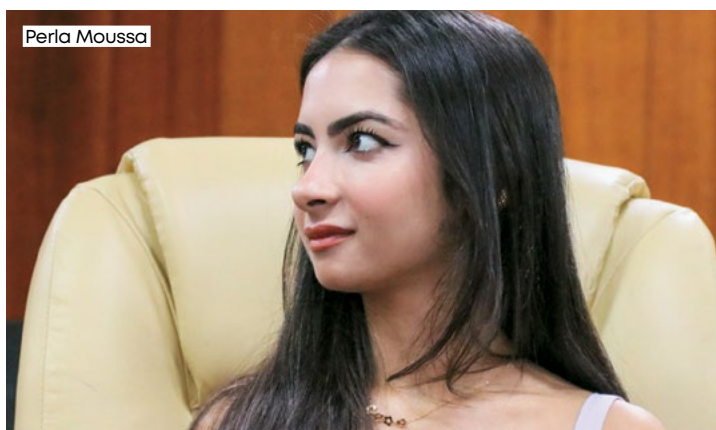
Saiba mais libano.gov.lb/



“Foi uma honra poder conceder este título ao Georges. Ele e sua família são muito especiais para mim”

Na cerimônia, Georges foi acompanhado por familiares, incluindo o padre Rafael Magul e o Secretário de Governo de Goiás, Michel Magul. Em sua fala no plenário, ele lembrou o período quando chegou na cidade: “Vim em busca de uma vida melhor e achei aqui pessoas que me receberam ‘de braços abertos’, se tornando a minha família; inclusive o vereador Isaías Ribeiro, que é uma pessoa muito especial”.

“Foi uma honra poder conceder este título ao Georges. Ele e sua família são muito especiais para mim. Foi uma homenagem merecida e um dia inesquecível”, concluiu o vereador e amigo. O evento reforçou a forte ligação entre o libanês e o país que escolheu para construir parte de sua história. ■



Perla Moussa



Padre Rafael Magul

BELO HORIZONTE

COMEMORAÇÃO EM DOSE DUPLA NO CLUBE LIBANÊS DE BH

Com a presença da embaixadora Carla Jazzar,
a tradicional instituição mineira celebrou 75 anos
e a Independência da República do Líbano



O palco das comemorações



Clã Chamone: Suamir, Cintia, Sulima, Suamir Filho, Sara Barros e Samara

Em Belo Horizonte é tradição a festa anual de aniversário do Clube Libanês da cidade. Este ano foram comemorados os 75 anos da entidade, na noite de 26 de novembro, quando também foram celebrados os 79 anos da Independência da República Líbano. Carla Jazzar, a Embaixadora libanesa no Brasil, foi a convidada de honra do evento.

A embaixadora aceitou o convite de Suamir Chamone, presidente do Clube Libanês de Belo Horizonte, além da importância do estreitamento dos laços que unem a comunidade no estado de Minas Gerais, sobretudo pelo orgulho das raízes libanesas. Além dos valores e sentimentos comuns que unem Brasil e Líbano: o empreendedorismo, a cultura e o patriotismo.

O convite especial a Carla Jazzar, não somente como representante oficial do Líbano no Brasil mas, sobretudo, por ela representar a realidade da mulher libanesa contemporânea, engajada, profissional, bem-informada e ocupando um cargo de liderança.



O chefe José Zahran e a embaixadora Carla Jazzar



Os Chamone: Suamir, Samia e Sulima

FOTOS: JOSÉ DAVID DE OLIVEIRA CAMPOS



Júlio Fraiha, Gisele Vasconcelos Costa, Rimon Fram, Carla Jazzar, Marcia Regina Barcante, Suamir Chamone e Renato Vilarim



Merie Fraiha, Carla Jazzar, a matriarca Nelli Fraiha, Julio Fraiha e Paulo Fraiha

Como fez questão de salientar Suamir Chamone, presidente do clube, em seu discurso de saudação à convidada.

Em sua estada na capital mineira, a embaixadora foi recebida pelo prefeito Fuad Noman, ganhou homenagem da Fuliban (Fundação Libanesa de Minas Gerais) e participou da missa celebrada pelo padre Michel el-Bitar, da Igreja Maronita Nossa Senhora do Líbano. Destaque para o trabalho de Netaly Azar, diretora social do clube e responsável tanto pela agenda de Carla Jazzar na cidade como por todo o cerimonial da recepção.

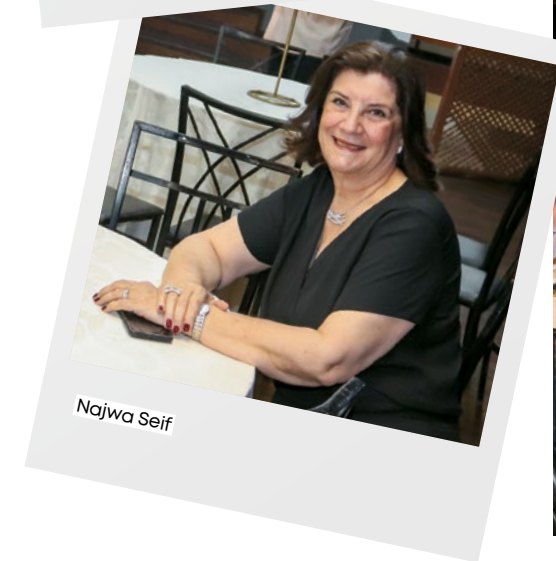
Ao longo de seus 75 anos, o Clube Libanês tem realizado inúmeras atividades esportivas, culturais e sociais. É notória sua preocupação e compromisso com a formação de cidadãos. A noite do último 26 de novembro celebrou, mais uma vez, esses valores que mantêm a vitalidade e a relevância da instituição na cidade, na comunidade libanesa e no País.



Ibrahim kobeisse, embaixadora Carla Jazzar, Márcia Barcante, Geanne Olímpico e Inez Barcante



Carla Jazzar em discurso no Clube Libanês



Najwa Seif



Gisele Vasconcelos Costa, Júlio Fraiha, Márcia Regina Barcante e Suamir Chamone

O convite especial a Carla Jazzar, não somente como representante oficial do Líbano no Brasil, mas, sobretudo, por ela representar a realidade da mulher libanesa contemporânea



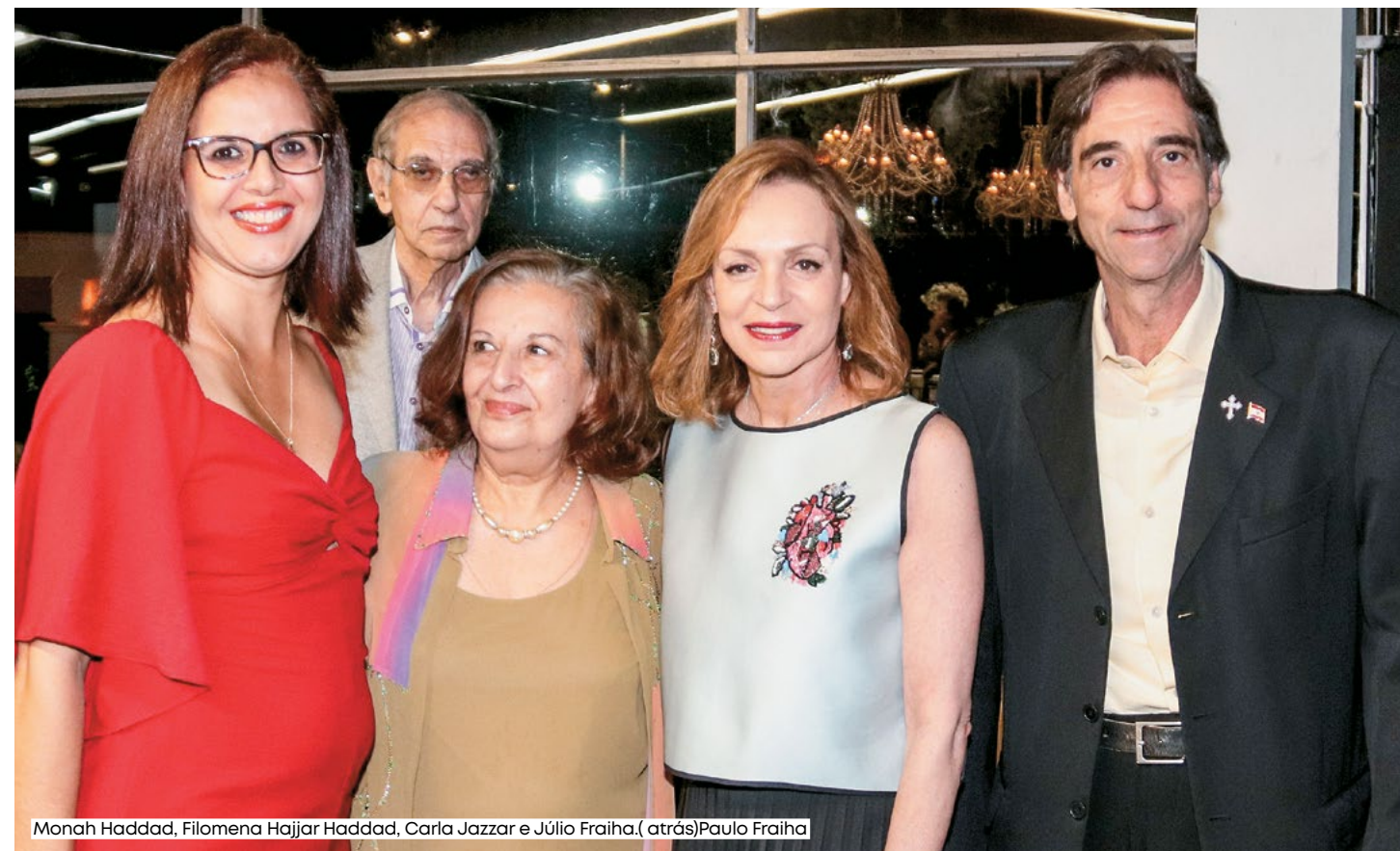
Júlio Fraiha e Charles Chatti



Virginia Obeid, Elisa Obeid, embaixadora Carla Jazzar e dr. Elias Obeid



Raymon Betty, Rimon Fram, padre Souhail Issa e monsenhor Michel Bitar



Monah Haddad, Filomena Hajjar Haddad, Carla Jazzar e Júlio Fraiha. (atrás) Paulo Fraiha



Paulo Fraiha, Rimon Fram, padre Souhail Issa e Júlio Fraiha



A chefe do cerimonial Netalya Azar com a embaixadora Carla Jazzar



Monsenhor Michel el-Bittar, embaixadora Carla Jazzar, protopresbítero Rafael Magul, Suamir Chamone e padre Paulo Lemos

Em sua estada na capital mineira, a embaixadora foi recebida pelo prefeito Fuad Noman, ganhou homenagem da Fuliban e participou da missa celebrada na Igreja N. S. do Líbano



O deputado Roberto Andrade com a esposa Rosilene, Carla Jazzar, José Zaharan, Sérgio Santos Rodrigues - presidente do Cruzeiro Esporte Clube - e esposa, Fernanda



O protopresbítero Rafael Magul e Suamir Chamone



Uma noite de alegria e comemoração



Samia Chamone



Gisele Vasconcelos Costa, Meire Fraiha, Júlio Fraiha e Fernanda Freitas



Grupo Brigitte Bacha

Ao longo de seus 75 anos, o Clube Libanês tem realizado inúmeras atividades esportivas, culturais e sociais. É notória sua preocupação e compromisso com a formação de cidadãos



Renato Vilarim e Rodrigo Jarjur Carneiro - da Rádio 98.8 FM - recebem de Suamir Chamone a placa pelos serviços prestados à comunidade



A embaixadora recebe de Suamir Chamone a placa comemorativa da Independência do Líbano e do 75º aniversário do clube



O padre Rafael Magu com o prefeito Fuad Noman, a embaixadora Carla Jazzar e Suamir Chamone

DIPLOMACIA LIBANESA EM BH

Carla Jazzar, embaixadora do Líbano, aproveitou sua visita ao Belo Horizonte para um encontro com o prefeito Fuad Noman. Em sua companhia estavam Suamir Chamone, presidente do Clube Libanês, e o protopresbítero Rafael Magu. Na pauta, assuntos de interesse da comunidade libanesa na capital mineira. Além de alternativas para intensificar o intercâmbio entre BH e a Terra dos Cedros.




CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000



A comunhão
entre o fogo,
os ingredientes,
nossa técnica
e preparo criam
momentos
inesquecíveis.

São Paulo
Rio de Janeiro
Brasília
Porto Alegre
Curitiba
Belo Horizonte
Recife
Goiânia
Campinas
Alphaville


Pobre Juan


Pobre Juan

pobrejuan.com.br |  /restaurantepobrejuan